

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

THAYNARA NASCIMENTO SANTOS

Uma abordagem sócio-histórica do léxico:
estudo do item lexical *empoderamento*

BELO HORIZONTE

2022

THAYNARA NASCIMENTO SANTOS

UMA ABORDAGEM SÓCIO-HISTÓRICA DO LÉXICO:
ESTUDO DO ITEM LEXICAL *EMPODERAMENTO*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientador: Prof. Dr. César Nardelli Cambraia.

Área de Concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística

BELO HORIZONTE

2022

S237a

Santos, Thaynara Nascimento.

Uma abordagem sócio-histórica do léxico [manuscrito] : estudo do item lexical *empoderamento* / Thaynara Nascimento Santos. – 2022.

1 recurso online (84 f. : il., grafs., tabs.) : pdf.

Orientador: César Nardelli Cambraia.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 77-80.

Anexos: f. 81-84.

Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Língua portuguesa – Lexicologia – Teses. 2. Língua portuguesa – Neologismos – Teses. 3. Sociolinguística – Teses. 4. Mudanças linguísticas – Teses. I. Cambraia, César Nardelli. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 469.2



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Uma abordagem sócio-histórica do léxico: estudo do item lexical empoderamento

THAYNARA NASCIMENTO SANTOS

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Aprovada em 31 de agosto de 2022, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). César Nardelli Cambraia - Orientador
UFMG

Prof(a). Maria Candida Trindade Costa de Seabra
UFMG

Prof(a). Sandro Marcio Drumond Alves Marengo
UFS

Belo Horizonte, 31 de agosto de 2022.



Documento assinado eletronicamente por **Sandro Marcio Drumond Alves Marengo, Usuário Externo**, em 31/08/2022, às 16:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cesar Nardelli Cambraia, Professor do Magistério Superior**, em 31/08/2022, às 16:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Candida Trindade Costa de Seabra, Professora do Magistério Superior**, em 31/08/2022, às 22:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

file:///C:/Users/thapl/AppData/Local/Packages/microsoft.windowscommunicationsapps_8wekyb3d8bbwe/LocalState/Files/S0/3/Attachments/Folha... 1/2



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1655733** e o código CRC **FB3F4D0C**.

AGRADECIMENTOS

Em minha vida, passei por muitos desafios, mas o mestrado, sem dúvidas, foi o maior deles. Chegar à fase final desse empreito só foi possível porque tive a contribuição de pessoas especiais, as quais, de coração, agradeço:

A Deus, por me guiar e por me fortalecer.

Ao meu orientador César Nardelli, que, há quase uma década, desde a graduação, na Iniciação Científica, me proporciona o contato com a ciência. Muito obrigada pela excelente e criteriosa orientação durante todos esses anos.

Aos dois Antônioos que amo incondicionalmente: meu pai, Antônio de Pádua (*in memoriam*), e meu filho, Antônio Eduardo.

À minha mãe e aos meus irmãos, que são a minha base e a minha inspiração. À minha tia Lourismar, que sempre me incentivou e me apoiou nas escolhas e nas decisões a serem tomadas.

Ao meu marido, pelo companheirismo e pela paciência.

Aos demais familiares e amigos, que, de uma forma ou de outra, contribuíram para realização deste trabalho.

Imago animi sermo est: qualis est vir, talis oratio.

(“A língua é a imagem da alma: tal como o homem fala, assim ele é”)

Sentença atribuída a Publílio Sírrio (séc. I a.C.)

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo analisar o item lexical *empoderamento* na língua portuguesa em textos obtidos no acervo digital do jornal *O Globo* entre 2003 e 2021. Do ponto de vista teórico-metodológico, baseou-se nas teorias da lexicologia social (MATORÉ, 1953) e da lexicologia sócio-histórica (CAMBRAIA, 2013, 2020). Ao todo, foram coletadas 834 ocorrências, divididas em três *subcorpora* estabelecidos por recortes temporais: o primeiro de 2003 a 2016 (S1); o segundo de 2017 a 2018 (S2); o terceiro e último de 2019 a 2021 (S3). Testaram-se quatro hipóteses, as quais foram todas confirmadas: (a) o percurso histórico do item lexical *empoderamento* está relacionado a transformações sociais; (b) fatores sociolinguísticos influenciaram o percurso histórico desse item lexical; (c) há a presença de antineologismo em relação ao item no *corpus* analisado; e (d) esse antineologismo é de natureza ideológica.

Palavras-chave: Lexicologia; neologismo; antineologismo; feminismo.

ABSTRACT

This research aimed to analyze the lexical item *empoderamento* in the Portuguese language in texts obtained from the digital collection of the newspaper *O Globo* between 2003 and 2021. From a theoretical-methodological point of view, it was based on the theories of social lexicology (MATORÉ, 1953) and socio-historical lexicology (CAMBRAIA, 2013, 2020). In all, 834 occurrences were collected, divided into three *subcorpora* established by time frames: the first from 2003 to 2016 (S1); the second from 2017 to 2018 (S2); the third and last from 2019 to 2021 (S3). Four hypotheses were tested, all of which were confirmed: (a) the historical course of the lexical item *empoderamento* is related to social transformations; (b) sociolinguistic factors influenced the historical course of this lexical item; (c) there is the presence of antineologism in relation to this item in the analyzed *corpus*; and (d) this antineologism is ideological in nature.

Key words: Lexicology; neologism; antineologism; feminism.

RESUMEN

Esta investigación tuvo como objetivo analizar el ítem léxico *empoderamento* en la lengua portuguesa en textos obtenidos de la colección digital del periódico *O Globo* entre 2003 y 2021. Desde un punto de vista teórico-metodológico, se basó en las teorías de la lexicología social (MATORÉ, 1953) y lexicología socio-histórica (CAMBRAIA, 2013, 2020). En total se recogieron 834 ocurrencias, divididas en tres *subcorpora* establecidos por franjas temporales: el primero de 2003 a 2016 (S1); el segundo de 2017 a 2018 (S2); el tercero y último de 2019 a 2021 (S3). Se probaron cuatro hipótesis, todas confirmadas: (a) el curso histórico del ítem léxico *empoderamento* está relacionado con las transformaciones sociales; (b) factores sociolingüísticos influyeron en el curso histórico de este ítem léxico; (c) hay presencia de antineologismo en relación a este ítem en el *corpus* analizado; y (d) este antineologismo es de naturaleza ideológica.

Palabras clave: Lexicología; neologismo; antineologismo; feminismo.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Interesse ao longo do tempo por <i>empoderamento</i> segundo o Google Trends (2004-2022).....	15
Gráfico 2 - Ocorrências de <i>empoderamento</i> em OGL.....	45
Gráfico 3 - Ocorrências de <i>empoderamento</i> por gênero do enunciador em OGL.....	63
Gráfico 4 - Ocorrências de <i>empoderamento</i> por gênero do enunciador em OGL: dados apenas de gênero masculino e feminino	64
Gráfico 5 - Ocorrências de <i>empoderamento</i> por gênero do enunciador em OGL: dados apenas de gênero masculino e feminino por <i>subcorpus</i>	64
Gráfico 6 - Ocorrências de <i>empoderamento</i> por ocupação do enunciador em OGL	66
Gráfico 7 - Ocorrências de <i>empoderamento</i> por ocupação do enunciador em OGL: dados apenas de jornalista e de outras ocupações.....	66
Gráfico 8 - Ocorrências de <i>empoderamento</i> por ocupação do enunciador em OGL: dados apenas de jornalista e de outras ocupações por <i>subcorpus</i>	66

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Ocorrências de <i>empoderamento(s)</i> em OGL.....	45
Tabela 2 - Lista seletiva lematizada de S1 (2003-2016)	49
Tabela 3 - Lista seletiva lematizada de S2 (2017-2018)	50
Tabela 4 - Lista seletiva lematizada de S3 (2019-2021)	51
Tabela 5 - Lexemas selecionados nos subcorpora S1, S2 e S3 em OGL	52
Tabela 6 - Colocados à direita de <i>empoderamento</i> por 1ª ocorrência por campo lexical.....	57
Tabela 7 - Ocorrências de <i>empoderamento</i> por gênero do enunciador em OGL	63
Tabela 8 - Ocorrências de <i>empoderamento</i> por ocupação do enunciador em OGL.....	65
Tabela 9 - Ocorrências de <i>empoderamento</i> por editora em OGL: ordenadas por primeira ocorrência na editoria	68
Tabela 10 - Ocorrências de <i>empoderamento</i> por editora em OGL: ordenadas por frequência total na editoria	69
Tabela 11 - Ocorrências de <i>empoderamento</i> vinculadas à atitude negativa	71

LISTA DE ABREVIATURAS

EM – esquadrão da morte

F – Feminino

Freq. – Frequência

GE – grupo de extermínio

J – Jornalista

LGBTQIAP+ – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queers, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, + outras expressões de gênero e sexualidade.

M – Masculino

MA – menor abandonado

MR – menino de rua

NI – Não Identificado

O – Outras ocupações

OGI – O Globo

Ord. – Ordem

S1 – *Subcorpus 1*

S2 – *Subcorpus 2*

S3 – *Subcorpus 3*

tab. – tabela

VOLP - Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa

X – Misto

Sumário

1 INTRODUÇÃO.....	14
2 <i>EMPODERAMENTO</i> : ORIGEM E ATITUDES	14
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
3.1 Lexicologia	19
3.1.1 Conceitos básicos	19
3.1.2 Perspectiva social do estudo do léxico	22
3.2 História social da mulher	27
4 HIPÓTESES DE TRABALHO	33
5 OBJETIVOS	33
5.1 Objetivo geral:	33
5.2 Objetivos específicos:.....	33
6 METODOLOGIA.....	34
6.1 <i>Corpus e subcorpora</i>	34
6.3 Codificação dos fatores extralinguísticos: gênero, ocupação e editoria	36
7 DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS	38
7.1 Origem e autoria do neologismo <i>empoderamento</i>	38
7.2 <i>Empoderamento</i> em OGL.....	45
7.2.1 Padrões gerais	45
7.2.2 Fator intralinguístico: entorno lexical.....	48
7.2.3 Fatores extralinguísticos	62
7.2.3.1 Gênero	62
7.2.3.2 Ocupação	65
7.2.3.3 Editoria	67
7.2.4 O antineologismo relativo a <i>empoderamento</i> em OGL.....	70
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS	77
ANEXOS	81
ANEXO 1	81
ANEXO 2	83

1 Introdução

A lexicologia sócio-histórica, base para realização desta pesquisa, é uma abordagem do estudo do léxico em que se busca articular diferentes áreas: a linguística histórica, a sociolinguística e a dialetologia (CAMBRAIA, 2013, 2020).

Esta abordagem tem como ponto de partida a lexicologia social (MATORÉ, 1953), que se caracteriza pela valorização da realidade social de uma determinada comunidade no estudo do léxico de uma língua.

De acordo com Cambraia (2020), a lexicologia contemporânea tem assimilado contribuições de diferentes modelos teóricos constituídos nos últimos tempos. Todavia, ainda são raros os estudos sobre o léxico que contemplem uma abordagem histórica junto a fatores sociais, tais como gênero, faixa etária, profissão, etc.

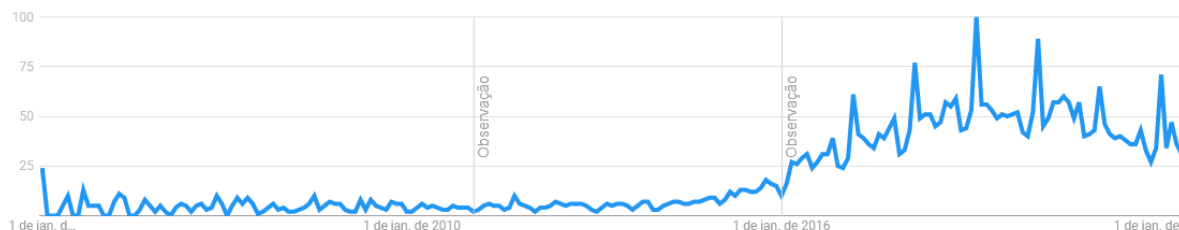
Deste modo, este trabalho almeja contribuir para o desenvolvimento da lexicologia sócio-histórica, tomando como objeto de estudo o item lexical *empoderamento* e analisando-o segundo uma perspectiva histórica e social. Para estudar o comportamento linguístico desse item, faz-se uma análise de suas ocorrências no jornal *O Globo*, publicado no Rio de Janeiro, entre 2003 e 2021.

2 *Empoderamento*: origem e atitudes

O item lexical *empoderamento* vem ganhando relevância acadêmica e social nas últimas décadas, passando a fazer parte do vocabulário das mais diversas áreas do conhecimento, como, por exemplo, os campos da administração, da saúde pública, da psicologia, da sociologia e da política.

Em texto dedicado especificamente a esse vocábulo, Freitas (2017) apresenta uma interessante discussão, tratando de diferentes aspectos relacionados à sua história. Primeiramente, a jornalista assinala que, de 2011 a 2016, o uso da palavra em questão cresceu sobretudo na internet, como mostram as buscas feitas no Google por esse item nesse período. Em seu texto, consta um gráfico do Google Trends, que registra busca pelo item em sua plataforma, referente a esse período, o qual é aqui apresentado em versão atualizada e ampliada para a faixa de tempo de 2004 a 2022, que é a faixa máxima disponível no referido recurso:

Gráfico 1 - Interesse ao longo do tempo por *empoderamento* segundo o Google Trends (2004-2022).¹



Fonte: Google Trends²

Vê-se, pelo gráfico atualizado, que o aumento do interesse pelo item não apenas cresceu entre 2011 e 2016, segundo havia constatado a jornalista, como ainda continuou crescendo até março de 2019 (momento de seu pico), época a partir da qual começou um declínio. A jornalista percebeu os seguintes padrões para o período entre 2011 e 2016:

Os primeiros picos de busca por "empoderamento" ocorreram em 2013, à época das [sic] protesto em junho daquele ano. O termo voltou ao debate em julho de 2017, quando foi publicada uma entrevista da BBC Brasil³ com o publicitário Washington Olivetto em que ele afirmou que a expressão "empoderamento feminino" virou um "clichê constrangedor" da publicidade. Nas redes sociais, usuários criticaram a posição de Olivetto. (FREITAS, 2017)

Em segundo lugar, Freitas (2017) apresenta como percurso histórico para *empoderamento* sua criação em inglês na década de 1970 nos EUA e sua adaptação em seguida para o português. Em 1977, o psicólogo norte-americano Julian Rappaport teria cunhado a forma *empowerment* a partir da palavra *power* ("poder") defendendo que era preciso dar ferramentas a certos grupos oprimidos para que tivessem condições e autonomia de se desenvolver. Teria sido então que o educador brasileiro Paulo Freire (1921-1997) teria criado sua versão aportuguesada do vocábulo, com o intuito de discutir a tese de Rappaport, dizendo que seriam os próprios grupos desfavorecidos que deveriam empoderar-se a si mesmos.

¹ Segundo se esclarece na plataforma, a quantificação segue o seguinte procedimento: "Os números representam o interesse de pesquisa relativo ao ponto mais alto no gráfico de uma determinada região em um dado período. Um valor de 100 representa o pico de popularidade de um termo. Um valor de 50 significa que o termo teve metade da popularidade. Uma pontuação de 0 significa que não havia dados suficientes sobre o termo."

² Disponível em: <https://trends.google.com.br/trends/explore?date=all&geo=BR&q=empoderamento>.

³ Cf. Fagundez (2017).

Por fim, outro aspecto interessante levando por Freitas (2017) foi ter tematizado a questão da recepção da palavra nova pelos falantes em seção intitulada “Palavra feia”, na qual apresenta opinião de Thaís Nicoletti, consultora de língua portuguesa, em coluna no jornal *Folha de São Paulo*, sobre o vocábulo:

A palavra ‘*empowerment*’ foi empregada pelo presidente Barack Obama recentemente, por ocasião do massacre ocorrido na boate Pulse [...]: ‘O lugar em que foram atacados é mais que uma boate – é um lugar de solidariedade e *empoderamento*’. O emprego feito pelo presidente reforça o significado do termo como conquista coletiva de autonomia, emancipação das chamadas minorias. Não se trata, portanto, de termo restrito à bandeira feminista, muito menos de ‘jargão feminista’, como já se chegou a dizer. (FREITAS, 2017, *itálicos nossos*)

A respeito da utilização de *empoderamento*, Kleba e Wendausen (2009) ressaltam que alguns autores preferem empregar a forma inglesa, *empowerment*, para manter a fidedignidade da tradução, uma vez que, na tradição anglo-saxônica do liberalismo civil e religioso, a palavra *empower* tem como referência os verbos transitivos como *autorizar*, *habilitar* ou *permitir*.

O item *empoderamento* tem seu registro no VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa) e em dicionários atuais como Houaiss, Aurélio e Michaelis, por exemplo.

No Houaiss (2022), em sua versão on-line, *empoderamento* é definido como “ato, processo ou efeito de dar poder ou mais poder a alguém ou a um grupo, ou de alguém ou um grupo tomá-lo, obtê-lo ou reforçá-lo”. Outra acepção dada é a de “conquista pessoal da liberdade pelos que vivem em posição de dependência econômica ou física ou de outra natureza”. Como última entrada a respeito desse vocábulo, há “tomada de consciência dos direitos sociais desenvolvida pelos indivíduos ao poderem participar dos espaços de decisão”.

No Aurélio (2019), por sua vez, são dadas quatro definições para a palavra *empoderamento*. A primeira é “Ação, processo ou efeito de empoderar(-se)”; a segunda corresponde à “Conquista e distribuição do poder de realizar ações, ao adquirir-se consciência social e conhecimento, de forma a produzir mudanças a partir destas aquisições”; a terceira, mais extensa, diz que é “Processo pelo qual indivíduos e grupos sociais passam a refletir sobre – e a tomar consciência de – sua condição e a de seus pares, e, assim, formulem e objetivem mudanças que levem à transformação da condição individual e coletiva”. A quarta e última afirma que *empoderamento* é a “Superação da falta de poder político e social, coletivo ou individual das populações pobres.”. Além dessas acepções, o Aurélio classifica o vocábulo como um neologismo e, quanto à sua etimologia, traz a seguinte informação: “[De *empoderar* (q.v.) + *-mento*, seja como tradução do ingl. *empowerment*, seja como criação do educador brasileiro Paulo Freire (1921-1997).]”.

Já no Michaelis (2022), é atribuída a seguinte acepção para o item em questão:

Ação coletiva desenvolvida por parte de indivíduos que participam de grupos privilegiados de decisões. Envolve consciência social dos direitos individuais para que haja a consciência coletiva necessária e ocorra a superação da dependência social e da dominação política. É um processo pelo qual as pessoas aumentam a força espiritual, social, política ou econômica de indivíduos carentes das comunidades, a fim de promover mudanças positivas nas situações em que vivem. Implica um processo de redução da vulnerabilidade e do aumento das próprias capacidades dos setores pobres e marginalizados da sociedade e tem por objetivo promover entre eles um índice de desenvolvimento humano sustentável e a possibilidade de realização plena dos direitos individuais. (MICHAELIS, 2022, On-line)

Percebe-se, dessa forma, que há uma certa convergência na conceituação do item *empoderamento*, que, em todas as definições observadas acima, representa um conceito progressista, pelo qual perpassa noções de direitos humanos, participação política e democracia. É um processo que envolve o agir, implicando também reflexão sobre a ação, sendo importante, sobretudo, a sinergia entre as dimensões individuais e coletivas.

Como já se pode perceber pelo texto de Freitas (2017), o item *empoderamento* suscita atitude negativa em alguns falantes, razão pela qual ela resolveu tematizar também se seria uma “palavra feia”, avaliação contestada com base no testemunho de Nicoletti apresentado no próprio texto.

A avaliação negativa para o item lexical *empoderamento* não é difícil de ser identificada em diferentes textos veiculados nas redes sociais.

Como primeiro exemplo, pode-se citar a manifestação do livreiro e jornalista Milton Ribeiro, em postagem de 23 de janeiro de 2014 em seu *blog* pessoal, na qual afirma não gostar da palavra *empoderamento*:

Eu não gosto desta palavra. Em primeiro lugar porque é feia — tem um som horrível e o verbo *empoderar* é de matar —; em segundo lugar por ter um significado difuso e estar sendo aplicada nos mais diversos campos militantes, políticos e até psicológicos, de forma sempre a aceitar uma nova ilação. (RIBEIRO, 2014)

Atitude igualmente negativa se constata em artigo do empresário Roberto Rachevsky, de 16 de maio de 2018: “Empoderamento é uma daquelas palavras que se tornaram essenciais e indispensáveis no cardápio das perversões linguísticas produzidas pela esquerda carnívora” (RACHEWSKY, 2018).

É interessante perceber que a atitude negativa pode também espalhar para cognatos. Tal é o que se percebe em artigo da professora de língua portuguesa Cíntia Chagas, de 13 de janeiro de 2020, em sua manifestação contrária ao uso do adjetivo *empoderada*:

Depois da popularização da lexia *empoderamento*, foi um pulo para a palavra *empoderada* não sair mais da boca das pessoas, situação que me causa profundo desgosto. Antes que os amantes de Paulo Freire me atirem pedras, devo salientar que o meu compromisso é com o bom uso da língua portuguesa, não com as teorias educacionais, filosóficas ou políticas, o.k.? Tendo isso em vista, vamos lá.

Na condição de amante da boa colocação das palavras, sinto verdadeiro horror à banalização com que muitos falantes tratam certos vocábulos da língua portuguesa. De uns tempos para cá, quaisquer atitudes tornam uma mulher empoderada, já percebeu? E, por favor, não existe, aqui, nenhuma crítica ao feminismo. Aliás, se eu fosse uma militante feminista, eu ficaria p* da vida com o uso irresponsável que diversos brasileiros – em especial brasileiras – andam fazendo do termo em questão.

Criou os filhos sozinha? Empoderada. Trabalha fora e também se dedica ao marido e aos filhos? Empoderada. Não depila as axilas? Empoderada. Consegue ser CEO de uma grande empresa, cuidar da família e ainda arrumar tempo para se depilar? Empoderada. Assumi um relacionamento amoroso com uma mulher? Empoderada. Largou uma carreira de sucesso para viver, em outro país, um grande amor com um homem? Empoderada. Consegue dizer, publicamente, que não quer gerar filhos? Empoderada. É mãe de cinco adolescentes? Empoderada. Posta foto de biquíni com celulites e gorduras à mostra? Empoderada. Posta foto do corpo perfeito no Instagram? Quanta dedicação... Empoderada. Meu Deus! Estamos vivendo uma verdadeira praga, a praga linguística do empoderamento.

Mas por que isso é ruim? Porque, caro leitor, quando uma palavra se torna um clichê, um lugar-comum, ela imediatamente perde o valor, o sentido. E, ao esvaziar-se o sentido dos vocábulos, esvazia-se, paulatinamente, o sentido das ações. Para o caso da praga linguística do empoderamento, não consigo ver nenhum pesticida que possa ser eficaz. Talvez a única solução seja o bom senso, tão em falta nos dias atuais. Ah, se você gostou deste artigo, por obséquio, não diga por aí que sou empoderada. A língua portuguesa e eu agradecemos. (CHAGAS, 2020)

Tais exemplos mostram que, além de haver uma atitude negativa em relação ao uso do item lexical em questão, há uma associação à visão política dos falantes. Segundo essa visão, muito marcada pela polarização entre extremos ideológicos vivida na contemporaneidade, *empoderamento* e seus cognatos estariam diretamente relacionados aos partidos considerados do espectro político de esquerda. Além disso, nota-se que há ainda o entendimento de que, por estar sendo amplamente utilizado pelos falantes, o vocábulo *empoderamento* estaria perdendo o seu sentido, como se estivesse acontecendo uma espécie de banalização do seu real significado. Através desse raciocínio, o uso excessivo e impreciso de uma palavra poderia provocar a perda do seu valor semântico, não legitimando o seu uso feito pela comunidade linguística. Vê-se, portanto, que essas manifestações negativas se pautam mais em uma questão ideológica do que em uma questão propriamente linguística.

3 Fundamentação teórica

Faz-se necessária, para a construção do presente estudo, a junção de diferentes áreas do conhecimento. A primeira delas diz respeito ao campo da linguística, especificamente da lexicologia. Já a segunda, corresponde à esfera da história, visto que, ao tratar do item lexical

empoderamento, será indispensável abordar a formação do mundo contemporâneo e a sua relação com o item lexical estudado.

3.1 Lexicologia

3.1.1 Conceitos básicos

Torna-se imprescindível, para que seja possível compreender o estudo lexical feito neste trabalho, a conceituação de alguns termos relevantes, como *lexicologia*, *léxico*, *lexema*, *lexia*, *neologismo* e *antineologismo*.

Integrante das áreas de estudo da linguística, a *lexicologia* é o campo que examina as unidades lexicais de uma ou várias línguas, no que diz respeito ao significado ou ao significante, tratando do léxico em todos os seus aspectos. Segundo Barbosa (1990, p. 157), a lexicologia “estuda o universo de todas as palavras, vistas em sua estruturação, funcionamento e mudança”.

Por *léxico* se compreende o conjunto de palavras que as pessoas de uma determinada língua têm a sua disposição para poderem se expressar, tanto na forma oral, quanto na forma escrita. Para analisá-lo, consideram-se os morfemas existentes e as regras de combinação desses morfemas que possibilitam a criação de novas unidades. O léxico é o elemento capaz de traduzir, dentro das línguas, as relações de ordem econômica, social e política que existem entre as diversas classes sociais. Em vista disso, o léxico é o acervo de todo saber vocabular de um grupo sociolinguístico e cultural. É o lugar no qual se deposita toda a informação sobre o mundo condensada em unidades, pois nele se encontram nomenclatura e interpretação da realidade (BIDERMAN, 2001, p. 198).

Lexema é toda forma abstrata de uma palavra, parte integrante do léxico, e a *lexia*, por sua vez, é toda realização concreta de um lexema. A esse respeito, Biderman (2001) diz:

Os lexemas se manifestam, no discurso, através de formas ora fixas, ora variáveis. Essa segunda alternativa é mais frequente nas línguas flexivas e aglutinantes. Assim, em português, o lexema CANTAR pode manifestar-se discursivamente como cantei, cantavam, cantas, cantando etc. O lexema MENINO como menino e meninos. A essas formas que aparecem no discurso, daremos o nome de lexia. Portanto, cantei, cantavam, cantas, cantando, menino, meninas são lexia. (BIDERMAN, 2001, p. 169)

Desse modo, constata-se que a *lexia* se realiza no discurso e opõe-se ao *lexema*, o qual se situa no nível do sistema abstrato, que é a língua.

Por estar em constante expansão, o léxico permite que novas criações se incorporem a ele. A essa criação vocabular nova dá-se o nome de *neologismo*. Etimologicamente, o termo

neologismo, ligado a todas as inovações vocabulares nos diversos ramos da atividade humana, origina-se de um hibridismo que vem do latim *neo* (novo) e do grego *logos* (palavra).

De acordo com Carvalho (1987), a criação de novas palavras é reflexo da evolução vertiginosa da sociedade nas últimas décadas, uma consequência da busca por tudo que evolui e que muda. Assim, a língua, espelho da cultura, reflete esse anseio por novidade, evoluindo rapidamente e promovendo a introdução de novos itens no léxico.

É válido dizer que, embora o neologismo, na teoria da comunicação, possa ser considerado a princípio como um ruído no canal, que perturba o processo comunicativo, é evidente que, depois de assimilado e compreendido, ele passa a acrescentar informação pela novidade da mensagem. À força de sua repetição, sem empecilhos ou necessidade de grande explicação, os indivíduos podem inseri-lo no seu léxico mental e começar a utilizá-lo em seus próprios atos de fala. Sendo a língua um patrimônio de uma comunidade linguística, aos membros dessa sociedade é atribuído o direito de criatividade léxica.

Ademais, os neologismos podem se manifestar de inúmeras formas. Alves (2007) classifica-os em fonológicos, sintáticos e semânticos. Além dessa classificação, que considera os processos mais produtivos de formação de palavras, Alves trata de outros processos menos comuns na língua portuguesa e se dedica também aos neologismos por empréstimo, os quais são essenciais para o desenvolvimento desta pesquisa.

O *neologismo por empréstimo*, diferentemente das outras criações lexicais que se formam através do uso de bases da língua portuguesa, pode ser definido como uma palavra estrangeira que é incorporada ao léxico, sendo um neologismo por adoção. No primeiro momento, esse elemento estrangeiro, que passa a ser utilizado em um novo sistema linguístico, é visto como externo ao vernáculo. Por tal motivo, é denominado *estrangeirismo*, visto que ainda não integra o acervo lexical do idioma. Para Alves (2007),

o estrangeirismo costuma ser empregado em contextos relativos a uma cultura alienígena, externa à da língua enfocada. Nesses casos, imprime à mensagem a “cor local” do país ou da região estrangeira a que ele faz referência (ALVES, 2007, p. 72-73).

Ao empregar um estrangeirismo, o emissor de uma mensagem tem a consciência de que ele poderá não ser interpretado pelo seu receptor. Desse modo, em muitos contextos, a unidade léxica estrangeira é seguida de tradução ou ainda de definição. Muitos empréstimos já assimilados pelos falantes passam a ser escritos de acordo com as regras da língua portuguesa – como, por exemplo, as palavras *cartum* e *xampu*, que foram aportuguesadas. Já outros vocábulos, recém inseridos ou não, podem continuar sendo escritos na sua forma original – é o

caso de *shopping* e *skate*. Como já observado por Alves (2007, p. 78), “morfossintaticamente, a integração à língua portuguesa manifesta-se nos casos em que o estrangeirismo começa a formar derivados e compostos”.

Quanto à classe gramatical, os neologismos por empréstimo recebidos pelo português são distribuídos majoritariamente entre a classe dos substantivos e, menos frequentemente, entre verbos e adjetivos. A base emprestada, de modo geral, mantém a classe gramatical típica da língua de que provém. A respeito da flexão de gênero, a unidade léxica importada por adoção também tende a flexionar-se conforme o gênero do idioma doador. Já nas situações em que o elemento estrangeiro tem origem em idiomas nos quais não há marcação de gênero, como é o caso do inglês, o item lexical costuma a ser empregado no gênero masculino. Em relação à flexão de número, os estrangeirismos seguem a mesma variação da língua de que procedem. Contudo, quando esses empréstimos são aportuguesados, ou seja, adaptados ao português, eles costumam flexionar-se de acordo com as regras da morfologia portuguesa.

Um neologismo pode ser objeto de atitude negativa por falantes, dando origem ao fenômeno chamado de *antineologismo*, ainda pouco abordado na atualidade, conforme atesta Cambraia (2015) em relação ao uso do próprio termo:

O termo *antineologismo* é relativamente recente na língua portuguesa: não consta do Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2001) nem do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (2009). Apesar de existir correlato em outras línguas (esp. *anti-neologismo*, fr. *anti-néologisme*, it. *antineologismo*, rom. *anti-neologisme*, ing. *anti-neologism*), também nelas seu uso parece ser bastante esporádico e recente, com exceção do inglês, para o qual foi possível encontrar atestação em texto de 1855 (CAMBRAIA, 2015, p. 67).⁴

Há duas explicações plausíveis para o uso infrequente desse termo. A primeira delas pode ser justificada pela falta de conhecimento a respeito da ocorrência do fenômeno em si. A segunda pode estar relacionada à sua manifestação restrita entre os indivíduos que se dedicam aos estudos linguísticos.

Considerando a etimologia da palavra, o prefixo grego *anti-* significa “oposição a algo” e, ao se anexar à forma *neologismo*, seu conteúdo fica mais claro, significando “um posicionamento contrário ao uso de novos itens lexicais” ou ainda “uma aversão ao uso demasiado dessas criações vocabulares”. Seja qual for o motivo do estigma em relação ao emprego de neologismos, sabe-se que as raízes de tal comportamento estão ancoradas na existência do purismo linguístico.

⁴ Mesmo atualmente, no ano de 2022, o termo *antineologismo* segue não constando no Houaiss nem no VOLP.

Aqueles que defendem um idioma puro, sem interferências externas, desconsideram o fato de que a língua não é estática, mas fruto da construção histórica da identidade de um povo que sofre influências de outras culturas. Especificamente no contexto do português brasileiro, houve contribuições dos europeus, dos africanos, dos orientais, entre outros povos que se instalaram no Brasil e trouxeram consigo toda sua bagagem cultural e linguística. Ademais, hodiernamente, com a globalização e as relações políticas, comerciais e culturais cada vez mais intensificadas, torna-se impossível defender um expressar linguístico homogêneo.

3.1.2 Perspectiva social do estudo do léxico

O caminho para consolidação da lexicologia como ciência do léxico, apesar de sua importância, foi longo e laborioso. De acordo com Orsi (2012), a origem dos estudos lexicológicos ocorre, ainda que de forma insipiente, no século IV a. C., na Índia, com Panini e a sua gramática que estudou o sânscrito, definindo elementos significativos desse idioma.

Na sequência, os gregos foram os primeiros a pensarem o léxico sob uma perspectiva da semântica, visto que associaram conceitos às unidades lexicais fazendo uso de reflexões filosóficas. Já os latinos, por outro lado, obtiveram destaque nos estudos gramaticais e na oposição entre sistema e norma.

Orsi (2012) afirma também que:

Listas lexicais estiveram presentes, então, desde a antiguidade a Idade Média. Todavia, a primeira tentativa de descrição ordenada do léxico ocorreu no século XVI, motivada por necessidades culturais e mudanças na sociedade. (ORSI, 2012, p. 165)

Assim, do Renascimento até o século XVIII, foram desenvolvidas, sobretudo, obras lexicográficas.

É então, no século XIX, que aparecem as primeiras análises verdadeiramente lexicológicas e a lexicologia irrompe como ciência do léxico. Nos anos posteriores, as pesquisas nessa área ganham força e passam a ter cada vez mais relevância, principalmente após os anos 1950, com estudos como os de Georges Matoré (1908-1998).

Vale ressaltar que, em uma perspectiva diacrônica, os estudos lexicais foram realizados no campo da etimologia, “abordagem em que se procura perfazer o trajeto histórico de um item lexical levando em conta as transformações de forma (aspecto morfofonológico) e de significado (aspecto semântico) de seus componentes internos” (CAMBRAIA, 2020, p. 5).

No âmbito do estruturalismo de Saussure, o léxico de uma língua foi interpretado como um sistema, sendo seus componentes considerados como organizados de forma solidária. Sobre os desdobramentos oriundos dessa concepção, Cambraia (2020) diz:

Explorando essa visão de léxico como sistema, desenvolveram-se diferentes abordagens nos estudos lexicais, tais como a teoria dos campos linguísticos de Trier (1931) e a teoria dos campos léxicos de Coseriu (1977). Entretanto, a faceta sócio-histórica do léxico não obteve muito sucesso em sua incorporação nos modelos pós-saussurianos. A única exceção parece ter sido a proposta da lexicologia social de Matoré (1953 [1973]), que concedeu especial espaço ao aspecto social em sua análise. Tal proposta, no entanto, recebeu muitas críticas em função de suas limitações, sendo dignos de especial menção os problemas metodológicos (CAMBRAIA, 2013). Apesar de seus limites, a proposta de Matoré (1953 [1973]) se baseava em uma interpretação interessante sobre o léxico: seria um componente linguístico no qual ficaria registrado um tipo de mapeamento do mundo de uma dada comunidade de falantes. (CAMBRAIA, 2020, p. 5)

Por outro lado, nos estudos gerativistas, desenvolvidos a partir da década de 1960, era a sintaxe que ocupava lugar de destaque, fazendo com que o léxico ficasse em segundo plano mais uma vez e alcançasse uma abordagem bastante modesta.

Sendo assim, ainda hoje a abordagem do léxico de Matoré (1953) continua sendo de interesse. De acordo com Cambraia (2013), a abordagem do lexicólogo francês é social, mas não é sociolinguística. Isso porque leva em consideração, na análise da língua, as mudanças do mundo real; porém, não observa, ao examinar o léxico, aspectos sociais, como gênero, sexo, classe social, região, etc.

A abordagem de estudo do léxico de Matoré é marcada pela valorização da realidade social de uma dada comunidade e a sua publicação intitulada *La Méthode en Lexicologie: Domaine Français*, de 1953, é considerada sua obra fundamental. A abordagem desse estudioso baseia-se em uma série de princípios, os quais foram sintetizados por Cambraia (2013)⁵.

O primeiro deles diz respeito à rejeição da ideia de distinção e independência entre significante e significado, proposta por Saussure. Nesse sentido, Matoré defende que há uma indissociabilidade entre forma e conceito e, para fundamentar esse pensamento, retoma as propostas da filosofia fenomenológica de Merleau-Ponty e a psicologia de Piaget.

O segundo corresponde ao fato de que, para Matoré, a criação de uma palavra equivale à formação de um conceito, e não somente a criação de um vocábulo que designe as coisas existentes no mundo:

⁵ As traduções da obra de Matoré (1953 [1973]) para o português aqui apresentadas foram extraídas de Cambraia (2013).

Na realidade, as palavras não exprimem as coisas, mas a consciência que os homens têm delas. Para a lexicologia, os fatos sociais têm, com efeito, o aspecto de coisas, mas das coisas vistas, sentidas, compreendidas pelos homens; nossa disciplina deverá então visar às realidades sociológicas das quais o vocabulário é a “tradução”, ao mesmo tempo objetivamente, como realidades independentes do indivíduo, e subjetivamente, em função dos seres que vivem em um meio concreto, em certas condições sociais, econômicas, estéticas, etc. (MATORÉ, 1953 [1973, p. 42-43])

Assim, a lexicologia social de Matoré tem como parte central o caráter social da palavra, que é o espelho de um estado da sociedade, e o vocabulário é interpretado a partir de uma abordagem estruturalista, “admitindo que as palavras existem na consciência em relações recíprocas (uma visão sistêmica de vocabulário)” (CAMBRAIA, 2013, p. 161).

Apesar dessa concepção sistêmica, Matoré diverge do estruturalismo por causa do fator social, que tem papel importantíssimo na construção do léxico em sua visão. Ele ainda acredita ser impossível abstrair da palavra o fator tempo, relativizando, desse modo, a oposição entre sincronia e diacronia proposta por Saussure.

Ademais, Matoré apresenta alguns procedimentos para a realização de estudos de lexicologia social, caracterizando, assim, o seu método. Inicialmente, é preciso estabelecer *recortes temporais*, período de 30 a 36 anos, que devem ser estipulados com base em datas importantes na história do léxico e da sociedade. Feito esse recorte, é necessário identificar, em cada faixa de tempo, campos nocionais, que são formados por palavras-testemunho.

Um *campo nocional* abrange uma rede de significações que mantêm entre si relações complexas. De acordo com Matoré (1953 [1973, p. 2]),

As diferentes palavras que constituem um *campo*, por um lado, os diferentes campos, por outro lado, reagem uns sobre os outros: o estudo de cada elemento isolado é, portanto, inoperante e é apenas em função da pesquisa lexicológica deve ser conduzida.

No interior desse campo nocional existem elementos que exercem um papel importante em relação à forma como a estrutura lexicológica se hierarquiza e se coordena. Tais elementos característicos são designados como palavras-testemunho.

A *palavra-testemunho*, por indicar uma mudança social, consiste em um neologismo. Conforme Matoré (1953 [1973, p. 3]), “o que caracteriza a palavra-testemunho não é apenas seu valor estático no interior do grupo, é também que ela manifesta um dinamismo: a palavra-testemunho é o símbolo de uma mudança.” Além disso, a palavra-testemunho introduz uma noção de valor e, principalmente, uma noção de peso ao vocabulário. Nota-se que as palavras-testemunho são muito numerosas para serem os elementos fundamentais do léxico. E, por isso,

é necessário buscar uma unidade para diversidade de fenômenos. Surge assim, a noção de palavra-chave.

A *palavra-chave*, por sua vez, representa as unidades lexicológicas que definem uma sociedade. Para Matoré (1953), a palavra-chave indica uma ideia, um sentimento, e não uma abstração, fazendo com que a sociedade consiga reconhecer o seu ideal. Assim, fica visível a ligação existente entre palavra-chave e sociedade.

Para aprimorar o método proposto por Matoré, Cambraia (2013) propõe uma abordagem sócio-histórica de estudo do léxico, ou seja, uma abordagem que, além de considerar o caráter social, observasse também o fator sociolinguístico, levando em conta as diferenças na sociedade. Para Cambraia (2020, p. 5), a justificativa para implementação de uma nova abordagem, baseada na articulação de postulados da lexicologia social de Matoré com postulados da sociolinguística laboviana, deriva da necessidade de “uma perspectiva mais verticalizada no tratamento dos fenômenos lexicais”, na qual o estudo do léxico deve contemplar três eixos principais: o temporal, o social e o espacial.

Para avaliar os aspectos que exigiam melhoramento em relação à lexicologia social de Matoré (1953), Cambraia (2013) realizou um estudo de caso, investigando as formas *esquadrão da morte* (EM) e *grupo de extermínio* (GE) no português. Para esse autor, “um modelo de organização e funcionamento do léxico não pode prescindir da articulação de fatores intralinguísticos e extralinguísticos.” (CAMBRAIA, 2013, p. 167-168).

Nesse estudo, Cambraia (2013) verificou que o recorte temporal proposto por Matoré, de 30 a 36 anos, não é sustentável. Isso porque as mudanças lexicais relacionadas a EM e GE não ocorreram segundo essa faixa de tempo. Os resultados obtidos sugeriram recortes temporais de, no máximo, 10 anos, para se poderem acompanhar mudanças lexicais.

Foi possível verificar ainda que a inserção de neologismos na língua parece seguir caminhos mais específicos. A esse respeito, Cambraia (2013) diz:

Os dados apurados em relação a EM e GE mostraram uma situação interessante: a introdução de GE no discurso se deu apenas após menção prévia a EM no mesmo texto (recurso que viabilizaria ao falante / leitor interpretar o neologismo segundo o sentido que seu usuário / autor lhe deu). Só depois de um tempo em circulação como menção posterior a EM é que GE passa a ocorrer como primeira menção e depois como forma única do texto. A ausência de contextualização dos neologismos no discurso em que ocorrem por parte do método de Matoré impedia efetivamente que aspectos importantes da constituição do léxico como este pudessem ser identificados. (CAMBRAIA, 2013, p. 181-182).

Os dados coletados por Cambraia (2013) evidenciaram, do mesmo modo como defendia Matoré, que a criação de neologismos seria motivada por transformações sociais.

Especificamente nos casos de EM e GE, “as transformações sociais consistiram em mudanças nas realidades designadas pelas expressões em questão.” (CAMBRAIA, 2013, p.182).

Por último, percebeu que os neologismos são formados por meio de uma interação complexa entre motivações sociais, que são externas, e motivações linguísticas, que são internas. De acordo com Cambraia (2013),

Assim, por um lado, foi a proliferação grupos de policiais que cometem execução sumária (motivação externa) que motivou a busca de um hiperônimo (caso de GE em sua fase inicial); mas, por outro lado, a necessidade de uma forma permitisse evitar seguidas repetições de um termo no discurso (motivação interna) também motivou a formação do referido hiperônimo. Essa constatação sugere que, mesmo em estudos do léxico, devem-se considerar tanto o encaixamento interno (intralinguístico) quanto o externo (extralinguístico) nos termos de Weinreich, Labov e Herzog (1968). (CAMBRAIA, 2013, p. 182).

Mais recentemente, em outra pesquisa em abordagem sócio-histórica, Cambraia (2020) analisou os itens lexicais complexos *menor abandonado* (MA) e *menino de rua* (MR) que passaram por um processo concorrência, no qual o primeiro foi gradativamente perdendo lugar para o segundo no português brasileiro dos séculos XX e XXI. De base empírica, esse minucioso estudo coletou ocorrências em dois periódicos: *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro, e *Estado de São Paulo*, de São Paulo, a fim de testar três hipóteses que foram todas confirmadas.

A primeira hipótese era de que os itens MA e MR teriam passado por um processo de concorrência lexical, sendo reflexo de uma mudança na concepção acerca da questão da criança abandonada ao longo da história brasileira. De fato houve essa mudança, que ocorreu tanto na concepção da assistência à criança abandonada quanto na concepção do papel do Estado.

Já a segunda, era a de que o processo de concorrência lexical analisado foi sensível a fatores extralinguísticos, como, por exemplo, local, gênero, faixa etária e ocupação. A esse respeito, Cambraia (2020) esclarece o seguinte:

A análise dos dados revelou que essa concorrência se deu de forma mais efetiva primeiramente no Rio de Janeiro, com atingimento da hegemonia da forma inovadora já no ano de 1990, enquanto em São Paulo o mesmo só aconteceu em 1993. A distribuição por gênero foi diferenciada, com três fases (predominância no discurso feminino; depois, no masculino; e, por fim de volta, no feminino). Quanto à faixa etária, considerando o uso inovador, a difusão seguida de faixa mais jovem para a intermediária e desta para a mais alta. Quanto à ocupação, a inovação passou de enunciadores que não eram jornalistas para os que eram. (CAMBRAIA, 2020, p. 74).

A terceira suposição era de que o processo estudado foi sensível ao fator intralinguístico de posição na cadeia referencial. Tal fato foi confirmado pelo surgimento da forma inovadora fora da posição inicial da cadeia referencial e pela sua paulatina mudança para a posição inicial. Desse modo, a expressão MA foi gradualmente substituída por MR.

Por último, a quarta hipótese era de que a imprensa do Brasil teve um papel importante nesse processo de concorrência lexical, o que também foi comprovado. A análise realizada mostrou que os enunciadores que eram jornalistas utilizaram a forma inovadora de modo mais constante e acelerado, revelando, por parte da mídia, um favorecimento da concepção neoliberal a respeito da criança abandonada.

3.2 História social da mulher

Recuperar a história social da mulher, tanto no Brasil quanto no mundo, é uma tarefa árdua, que exige vasta pesquisa nos mais diversos materiais. Para encontrar informações sobre como elas viviam no passado, pesquisadores utilizaram processos da Inquisição, processos-crime, leis, livros de medicina, atas de batismo e de casamento. É apenas no século XIX que se torna possível resgatar uma imagem mais nítida das mulheres por meio de diários, fotos, cartas, jornais e pinturas. Tardamente, no século XX, elas passam a ganhar visibilidade através de livros e manifestos de sua própria autoria.

A respeito dessa grande dificuldade em se levantar informações sobre essa história, DUBY e PERROT (1990), na obra *História das Mulheres no Ocidente*, dizem o seguinte:

Escrever a história das mulheres? Durante muito tempo foi uma questão incongruente ou ausente. Votadas ao silêncio da reprodução materna e doméstica, na sombra da domesticidade que não merece ser quantificada nem narrada, terão mesmo as mulheres uma história? Elemento frio de um mundo imóvel, elas são a água estagnada, enquanto o homem resplandece e age: afirmavam-no os Antigos e todos o repetem. Testemunhas medíocres, afastadas do teatro em que se defrontam os heróis senhores dos seus destinos, auxiliares por vezes, raramente atrizes – e, neste caso, só por excepcional falha do poder – elas são quase sempre remetidas ao papel de súbditos, que aclamam os vencedores e choram as suas derrotas, eternas carpideiras cujos coros acompanham em surdina todas as tragédias. (DUBY; PERROT, 1990, v. 1, p. 7)

Na contemporaneidade, ao contrário do que ocorreu nos tempos passados, já é possível ter acesso com mais facilidade a inúmeras informações, disponíveis sobretudo na internet, a respeito do cotidiano da mulher. A mídia também se faz cada vez mais presente, o que joga o máximo de luz sobre esses seres, explicitando histórias ricas, diversas e, por vezes, alvo de violência e de inúmeros desafios.

Na Antiguidade, o primeiro discurso a ser utilizado para a designação dos papéis sociais femininos é o da matriz filosófica grega. A cultura clássica, âmago do pensamento ocidental, foi responsável por transmitir princípios morais, funções e costumes até hoje presentes nas sociedades contemporâneas. O olhar masculino da teoria filosófica apresenta as mulheres como

criaturas irracionais, destituídas de pensamento próprio, pouco criativas e totalmente dependentes do seu corpo.

Nesse sentido, nos escritos dos filósofos gregos, as mulheres estão subordinadas aos homens. Na perspectiva platônica, o saber e o poder são qualidades do masculino e o mundo da pólis não pode ser pensado pelas mulheres. Isso porque, para Platão, elas fazem parte da reencarnação dos homens que, na sua primeira existência, foram covardes e não souberam conduzir suas vidas, nem em termos da ética, nem da produção do conhecimento.

Para Tedeschi (2012, p. 48), “essa desvalorização da mulher, na filosofia platônica, também é contemplada em outras obras clássicas, como da mitologia grega, em obras como a Odisseia”. Ademais, vale salientar que o discurso filosófico volta sua preocupação para a origem do homem e a diferença sexual, construindo uma teoria sobre o corpo feminino que delimita as mulheres ao espaço reprodutivo.

Nos seus tratados sobre os animais, Aristóteles entrega-se a um extenso exame dos corpos femininos. Conforme dito por Duby e Perrot (1990, v. 1, p. 101), para o pensador, há duas formas de definir as características desses corpos: “a analogia e a inferioridade relativamente aos corpos masculinos”. A diferença entre machos e fêmeas consistiria em uma relação de correspondência, na qual os machos possuem um pênis e as fêmeas apresentam um útero. Por um lado, esse dimorfismo é visto como uma consequência anatômica. Por outro, o corpo feminino, em sua totalidade, parece marcado por uma série de traços que revelam a sua natureza defeituosa, fraca e incompleta. Naturalmente inapta para garantir a sua própria defesa, as mulheres também possuiriam um cérebro menor, sendo o seu corpo não acabado, como o de uma criança, e privado de sêmen, como o de um homem estéril.

De forma análoga ao que acontecia na Antiguidade, a mulher, na Idade Média, continua sendo constituída pelo olhar que sobre ela põe os homens. Nesse período, a Igreja Católica passa a exercer papel fundamental na definição do lugar reservado à mulher, não apenas no interior da igreja, mas no contexto mais vasto da sociedade e da cultura ocidental.

Conforme afirma Duby e Perrot, no período medieval, os homens seguem tendo a palavra:

São os clérigos, homens de religião e de Igreja, que governam o escrito, transmitem os conhecimentos, comunicam ao seu tempo, e para além dos séculos, o que se deve pensar das mulheres, da Mulher. A nossa escuta do discurso medieval sobre as mulheres é durante muito tempo tributária dos seus fantasmas, das suas certezas, das suas dúvidas. Ora, diferentemente de outras épocas, esta palavra masculina impõe de forma peremptória as concepções e as imagens que delas faz uma casta de homens que recusam a sua convivência, homens a quem o seu estatuto impõe o celibato e castidade: por isso mesmo tanto mais áspersos em estigmatizar os seus vícios e imperfeições quanto elas lhes continuam inacessíveis na vida quotidiana; e forçando

tanto mais o traço quanto as heranças do seu imaginário são largamente livrescas. (DUBY; PERROT, 1990, v. 2, p. 16)

Nesse sentido, a identidade feminina concebida por tais estruturas da Igreja gerou uma série de modelos de comportamento religioso e doméstico às mulheres, induzindo-as à prática da virtude, da obediência, do silêncio e da imobilidade em nome de uma ética católica, marcando decisivamente uma prática de inferiorização. Prova disso é que, nos relatos bíblicos sobre a criação, delegam à mulher o papel de culpa pela tentação, demonizando-a e tornando-a a principal representante do pecado.

Essa inferioridade da mulher no Cristianismo foi justificada especialmente pelas Epístolas de São Paulo e pelo relato do Gênesis, com a criação do mito de Eva e a expulsão do paraíso. A esse respeito, Gevehr e Souza (2014) explicam o seguinte:

O Gênesis mostra que Deus teria criado Eva a partir de Adão, o que justificava, para a Igreja, a submissão da mulher ao homem, e, tendo sido criada a partir de um osso curvo da costela de Adão, o espírito da mulher revelava esse desvio, sendo traiçoeiro desde a sua origem. Eva, com seu desejo abrasador de conhecimento do *Bem e do Mal*, ao consentir ser seduzida pelo Diabo, leva Adão consigo, tornando-se responsável pela perdição moral do homem. Dessa forma, a mulher, além de ser um ente negativo, representava uma tentação incessante, devendo os homens evitá-la, para continuar com seu espírito intacto, livre do pecado e da danação eterna. (GEVEHR; SOUZA, 2014, v. 2, p. 114)

Assim, nota-se que a percepção negativa em torno de Eva está no centro do Cristianismo e a narrativa que a envolve representa as origens do pecado. Em contrapartida, há também a figura de Maria, mãe de Jesus, caracterizada pela pureza e pela virtude, exemplo de obediência e de castidade, símbolo da manifestação de Deus. Face a isso, a Igreja Católica tem essencialmente dois tipos de mulheres para representar todo o universo feminino: Maria, que é sinônimo de perfeição única, e o restante das mulheres, que são consideradas filhas de Eva. Com isso, inevitavelmente, elas são julgadas como a escória da sociedade, devendo sempre se comportar e agir de modo a se assemelharem à figura de Maria.

Neste ponto, é mister salientar que as características de Maria a tornam um modelo inalcançável para qualquer ser humano do sexo feminino, o que estabelece uma cisão não apenas entre ela e Eva, mas também entre todas as mulheres. Isso faz ainda com que haja uma constante misoginia, ancorada na religião e nos demais argumentos que colocam a mulher como responsável pelo Pecado Original.

Desse modo, na Idade Média, a religião instaura importantes mitos sobre as mulheres, fazendo com que elas fossem cada vez mais subjugadas e relegadas ao seu papel reprodutivo, sendo inclusive consideradas como um instrumento do mal. Assim como na visão predominante

no período da Antiguidade, percebe-se que há fundamentação das bases de uma hierarquização sexual, que se reflete de forma concreta nas relações sociais.

Na Idade Moderna, época conhecida por diversas novas formas de pensamento, que contemplavam os mais diversos âmbitos da sociedade (o lado cultural, político, religioso, comercial, científico e artístico), a situação das mulheres sofreu algumas alterações que merecem ser consideradas. Embora o item *moderna* indique algo novo e atual, o período em questão refere-se ao espaço de tempo entre os séculos XV e XVIII.

A Idade Moderna não era fundamentalmente capitalista, como também já não era mais medieval. O processo de mudança acontecia de forma lenta e gradual. Aos poucos, os europeus começavam a dar credibilidade aos estudos científicos, passando a ter uma nova mentalidade. Vive-se um momento em que não há crença apenas na transcendência, naquilo que era divino: dá-se uma abertura para as coisas terrenas, a materialidade e a individualidade do ser humano. Ao mesmo tempo em que havia um lugar para Deus, havia a exigência do homem por aprender, crescer, enriquecer e descobrir novas verdades.

A decadência do feudalismo frente ao novo modo de produção capitalista, concomitantemente com o crescimento das cidades e da atividade comercial europeia, ocasionou uma ascensão dos burgueses, que passaram a formar a classe dominante do regime capitalista. O desenvolvimento urbano, juntamente com esse fortalecimento da burguesia, representou um poderoso estímulo para a produção intelectual. Nesse contexto, inicia-se um movimento chamado de Renascimento.

Dentro de tal cenário, as mulheres, divididas pelas classes sociais e condições econômicas, vivenciam realidades diferentes. Aquelas que eram pobres, pertencentes aos estratos menos abastados da sociedade, tinham de trabalhar para sustentar a si próprias quer fossem solteiras ou casadas. Essas mulheres atuavam em pequenas atividades comerciais, exercendo profissões como padeiras, rendeiras, cozinheiras, artesãs, atendentes. No campo, não era incomum a mulher auxiliar nas obrigações junto ao seu marido. As atividades domésticas, a organização do lar e a criação dos filhos também eram funções tidas como inerentes à condição feminina.

Já para as mulheres nobres, de famílias ricas e bem posicionadas financeiramente, além dos cuidados relativos à vida doméstica, havia, em algumas raras situações, a possibilidade de acesso à educação. Conforme afirma Magalhães (2009):

(...) em situações excepcionais, como no caso de Isabel I, eram as mulheres educadas de acordo com o mesmo curriculum leccionado aos homens. Com frequência, a educação da mulher estava a cargo de tutores, que eram, por norma, homens de fé,

sendo estes responsáveis pela sólida formação religiosa das suas educandas, segundo os dogmas eclesiásticos. (MAGALHÃES, 2009, p. 11)

Embora fosse possível trabalhar e, como visto, até mesmo estudar, independentemente de sua origem social, a mulher continuava a ser definida pela sua relação com o homem. O pai e depois o marido eram legalmente responsáveis por ela, sendo-lhe recomendado que a ambos honrasse e obedecesse. Considerava-se que tanto o pai quanto o marido serviam de amortecedores entre ela e as duras realidades do violento mundo exterior. Não obstante, mesmo nos casos em que a mulher desempenhava algum ofício remunerado, acreditava-se que ela era economicamente dependente do homem que controlasse a sua vida.

Para burguesia, o dever de um pai, consoante ao modelo vigente na época, era o de sustentar a filha até ela casar, quando ele mesmo, ou alguém em seu nome, negociava com o noivo o acordo de casamento de sua filha. No momento do matrimônio, o marido esperava ser recompensado pelo fato de tomar como esposa aquela mulher e a contribuição dada pelo pai era decisiva para formação da nova família. A partir de então, porém, o marido era o responsável pelo bem-estar da mulher. Esse modelo tinha uma aplicação rigorosa e os contratos de casamento das filhas eram considerados como os negócios mais importantes que um pai tinha de resolver.

Todavia, tal molde não se aplicava a todo conjunto da população. Para as mulheres da classe trabalhadora, a situação era ainda mais complicada, visto que elas se casariam com alguém de mesma condição social que a sua e continuariam trabalhando também fora de casa para ajudar no sustento familiar. Os homens de classes desfavorecidas, inclusive, preferiam se casar com mulheres que exercessem atividade remunerada fora do lar, pois, desse modo, poderiam ajudá-los com a divisão das despesas.

Apesar da obrigação de trabalharem para o seu próprio sustento e para o sustento da família, a sociedade não podia conceber que as mulheres pudessem ou devessem viver com total independência. Claramente, uma mulher independente era olhada como antinatural e abominável. Considerava-se que o pai ou o marido lhe deveriam oferecer uma moradia e assim contribuir, de alguma forma, com a sua sobrevivência. Essa ideia refletia-se nos salários femininos, de modo que uma mulher podia ser menos bem paga pelo seu trabalho porque um homem lhe proporcionava um teto.

Antes do casamento, para as mulheres miseráveis e solteiras, o objetivo da vida de trabalho era explícito: garantir o seu próprio sustento e poupar a família de gastos com a sua alimentação. As solteiras empenhavam-se ainda em juntar dinheiro para acumular um dote que atraísse um marido. Ainda criança, a família e a sociedade em que viviam faziam a mulher

acreditar que a vida era uma luta constante contra a pobreza e que, a longo prazo, seria necessário um homem que lhe desse abrigo e que a ajudasse no processo de sobrevivência. Consta-se, portanto, que a infância feminina era curta para as filhas dos pobres.

De forma semelhante ao que ocorreu na Idade Média, o papel reprodutor das mulheres permanece na Idade Moderna e se perpetua através do casamento. Resumindo, “se havia um papel na vida adulta de uma mulher, esse papel era o de mãe e procriadora” (DUBY; PERROT, v. 3, p. 56). Mais uma vez, joga-se sobre o sexo feminino a total responsabilidade pela criação e educação das crianças, sendo obrigação exclusiva da mulher o bem-estar dos filhos e o seu bom desenvolvimento.

É importante mencionar também que, na Idade Moderna, um fenômeno ganha força contra as mulheres: as acusações de bruxaria. As fogueiras foram, nessa época, um instrumento de repressão e de morte para milhares. Tal fato se dá porque, no imaginário popular e religioso da época, as bruxas estavam por toda parte, semeando o pavor. A perversidade feminina campeava solta, a serviço dos mandos do demônio e precisava ser contida qualquer preço. Assim, a medicina popular, exercida essencialmente por curandeiras, dado o escasso número de médicos disponíveis para toda população, começa a ser vista como malefícia, tornando-se para as mulheres um passaporte para a morte.

Nota-se, dessa forma, que, mesmo tendo ganhado um pouco mais de espaço na sociedade, trabalhando ou, no caso das mais ricas, estudando, as mulheres continuaram tendo um papel secundário, em certos casos relacionados à magia negra. Esse papel, apesar de não ser mais tão associado ao pecado da carne e à danação, devido à crise vivida pela Igreja Católica, é ainda representado pela fragilidade e pela dependência total do homem.

Todos esses problemas, sucintamente explicitados, repercutem até os dias atuais, na Idade Contemporânea. As mulheres que vivem no século XXI sofrem as consequências desse passado histórico que pouco ou nada valorizou o sexo feminino. Mesmo com a existência do movimento feminista, que teve a sua primeira onda a partir das últimas décadas do século XIX, quando as mulheres, primeiro na Inglaterra, organizaram-se para lutar por seus direitos, a misoginia e o sexismo são notados em todas as camadas da sociedade brasileira.

4 Hipóteses de trabalho

Com base no que foi exposto nas seções precedentes, foi possível elaborar quatro hipóteses para serem testadas:

a) a *primeira hipótese* é a de que o percurso histórico do neologismo *empoderamento* está relacionado a transformações sociais (MATORE, 1953; CAMBRAIA, 2013, 2020);

b) a *segunda hipótese* é a de que o percurso histórico do neologismo *empoderamento* foi influenciado por fatores sociolinguísticos como gênero, ocupação e tipo de editoria (CAMBRAIA, 2013, 2020);

c) a *terceira hipótese* é a de que o antineologismo em relação ao item lexical *empoderamento* constatado em textos das redes sociais também deve se manifestar em textos do jornal *O Globo*, pois a mídia impressa costuma veicular visões mais conservadoras em seus textos, o que é compatível com uma atitude negativa em relação ao item em estudo, que está vinculado a uma visão de mundo progressista; e

d) a *quarta hipótese* é a de que, confirmada a presença de antineologismo em relação ao item lexical *empoderamento* no jornal *O Globo*, ele deve estar relacionado a questões de natureza ideológica (CAMBRAIA, 2015).

5 Objetivos

Para que este estudo lexical seja realizado, fez-se necessário estabelecer seus objetivos. São eles:

5.1 Objetivo geral:

- Analisar o percurso histórico do item lexical *empoderamento* segundo a perspectiva da lexicologia sócio-histórica.

5.2 Objetivos específicos:

- Formar um *corpus* composto de textos com o item lexical *empoderamento* no jornal *O Globo*;
- Coletar as ocorrências do item lexical *empoderamento* no *corpus* composto de textos do jornal *O Globo*;

- Classificar as ocorrências do item lexical *empoderamento* no *corpus* composto de textos do jornal *O Globo* com base em gênero do enunciador, ocupação do enunciador e editoria a que pertence o texto e analisá-las;
- Analisar os casos de atitudes negativas (antineologismo) do item lexical *empoderamento* no jornal *O Globo*, para esclarecer suas motivações.

6 Metodologia

6.1 *Corpus e subcorpora*

O presente trabalho, de base empírica, pautou-se na análise do item lexical *empoderamento*, considerando os usos reais feitos por falantes de língua portuguesa. Para isso, foram coletadas todas as reportagens do acervo digital do jornal *O Globo*⁶ (doravante, OGL) com esse item, entre os anos de 2003, quando aparece a primeira ocorrência do item no periódico, e de 2021, último ano completo até a data da coleta.

Convém esclarecer que se escolheu o periódico OGL como fonte para realização desta pesquisa por dois motivos. O primeiro deles diz respeito à quantidade de ocorrências do item estudado, que foi maior em comparação aos periódicos *Folha de São Paulo* e *Estadão*. O segundo refere-se ao fato de OGL possuir um acervo digital bastante completo e simples de ser utilizado.

No referido acervo, há a possibilidade de busca por página digitalizada ou por matéria digitalizada: optou-se pelo segundo caso, porque assim se superaria o problema de identificação de quais unidades textuais de uma página fazem parte de uma mesma matéria, problema relatado por Cambraia (2020, p. 21) ao trabalhar com o acervo do *Jornal do Brasil* a partir da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. No resultado da busca definitiva, realizada em 05 de junho de 2022, o acervo digital de OGL apresentou o mesmo número de ocorrências do item em questão em ambas as opções (“700 páginas digitalizadas encontradas” e “700 matérias digitalizadas encontradas”), mas a navegação pelos dados demonstrou haver diferenças relativas a (i) repetição de páginas/matérias em cada opção, (ii) ausência da imagem da página/matéria, (iii) mais de um texto dentro da imagem disponibilizada e (iv) resultados na opção de páginas digitalizadas ausentes da opção de matérias digitalizadas. Procurou-se corrigir esta última distorção incluindo nos dados finais, na medida do possível, os dados de páginas

⁶ Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com>.

digitalizadas sem correspondência nos resultados de matérias digitalizadas. Mais concretamente, a composição do *corpus* foi formada da seguinte forma:

- a) identificação de 700 matérias digitalizadas pelo motor de busca do acervo digital de OGL com o item *empoderamento*;
- b) exclusão de 16 matérias referentes ao ano de 2022;
- c) exclusão de 24 matérias que consistiam em repetição;
- d) exclusão de 5 matérias sem imagem no acervo;
- e) inclusão 35 matérias presentes apenas no modo de busca de páginas digitalizadas;
- f) inclusão de 1 matéria não indicada pelo motor de busca mas identificada por referência em artigo de outra data⁷; e
- g) separação de 2 textos diferentes em uma mesma imagem de página de jornal.

Desta forma, o *corpus* ficou formado, ao todo de 692 textos. Entretanto, um mesmo texto poderia ter mais de uma ocorrência do item *empoderamento* e a pesquisa tomou como referência final o número de ocorrências do item, e não simplesmente o número de textos. Por isso, o número final de dados analisados neste estudo foi de 834 ocorrências do item *empoderamento* entre 2003 e 2021 no periódico OGL.

Cada imagem com uma matéria contendo o item *empoderamento* foi identificada por data e submetida ao processo de reconhecimento ótico com o programa ABBYY FineReader 9.0 Sprint, transformando-as em textos no formato *txt*. Em seguida, foi necessário realizar revisão ortográfica de cada um dos arquivos gerados pelo programa. Essa revisão, parte mais longa e trabalhosa deste estudo, garantiu total fidedignidade às matérias, evitando distorções ocasionadas pelo processo de reconhecimento ótico. As distorções, presentes em alguns arquivos *txt*, decorreram da qualidade de certas imagens que não estavam totalmente legíveis ou em boa resolução.

Para melhor perceber mudanças relativas aos usos do item *empoderamento*, o *corpus* foi dividido em três *subcorpora*: o primeiro de 2003 a 2016 (S1); o segundo de 2017 a 2018 (S2); o terceiro e último de 2019 a 2021 (S3). Essa separação, baseada em recortes temporais, levou em consideração três padrões percebidos na distribuição das ocorrências (tabela e gráfico correspondente serão apresentados no início da seção 7 mais adiante): ascensão de uso de *empoderamento*, visível no primeiro conjunto; ápice do emprego de tal vocábulo, referente ao segundo conjunto; e queda no uso, no terceiro conjunto.

⁷ Neste caso, o motor de busca não identificou a ocorrência de *empoderamento* porque esse item estava separado por hífen em mudança de linha. É possível, então, que tenha havido mais casos que não foram identificados pela mesma razão.

6.2 Codificação do fator intralinguístico: entorno lexical

A fim de obter evidências sobre os significados apresentados por *empoderamento* ao longo do tempo, fez-se uma análise do entorno lexical, ou seja, dos itens lexicais (substantivos, adjetivos e verbos) que ocorriam no mesmo texto, mas considerados conjuntamente por *subcorpus*. Foi utilizada uma lista de exclusão com itens gramaticais e verbos auxiliares para a seleção das categorias visadas. Essa análise contou com o processo de lematização, que se caracteriza pelo agrupamento das formas flexionadas (as lexias) de uma mesma palavra, com o objetivo de reduzi-la à sua forma base junto de um único paradigma (o lexema). Foram agrupadas as flexões de gênero (masculino e feminino) e de número (singular e plural) no caso de substantivos e adjetivos. As diferentes flexões dos verbos também foram agrupadas em torno de seu lexema.

Para cada *subcorpus* foi gerada uma lista de lexia ordenada por frequência de ocorrência e os 100 primeiros itens foram lematizados. Quando a união em um mesmo lexema subtraía um item dentre a lista dos 100 primeiros, o seguinte foi incluído para se completar 100. Tais procedimentos seguem as técnicas semelhantes às usadas por Ribeiro (2020) e Freitas *et al.* (2020).

Em seguida, todos esses itens lexicais foram agrupados em campos lexicais⁸, a fim de analisar o material coletado. O critério para agrupamento foi o de afinidade semântica e a nomeação dos campos levou em conta, em especial, o que os próprios itens lexicais sugeriam: como demonstrado por Freitas *et al.* (2020, p. 388), “os conjuntos de itens lexicais geralmente apresentam um item que é mais genérico e que serve, aliás, para designar o seu respectivo campo semântico”.

6.3 Codificação dos fatores extralinguísticos: gênero, ocupação e editoria

Nesta pesquisa, foram considerados três fatores extralinguísticos: gênero, ocupação e editoria.

No que diz respeito ao gênero (sexo), foi possível codificar essa informação considerando o nome do autor da reportagem, quase sempre de fácil identificação nos textos. Assim, quando a autoria estava expressa, bastava observar se enunciador era do sexo masculino ou feminino. Entretanto, ocorreram situações em que não havia tal informação e, nesses casos,

⁸ Emprega-se aqui o termo *campos lexicais* de forma genérica, uma vez que a metodologia adotada aqui para sua organização difere, por exemplo da de Coseriu, que usa termo semelhante em seu modelo teórico.

marcou-se o dado como não identificado. A não identificação do gênero, embora tenha sido um problema pouco frequente, ocorreu majoritariamente em textos publicitários, ou seja, naqueles que buscavam comercializar algum produto, fazer a divulgação de algum evento, como filme ou peça teatral, ou ainda prestar contas de ações realizadas por entidades corporativas. Vale mencionar também que, em certas reportagens, a autoria era atribuída a mais de uma pessoa: se fossem do mesmo gênero, esse gênero era registrado; se fosse de gêneros diferentes; registrou-se como misto.

Quanto à ocupação do enunciador, com frequência ela constava nos textos, como no caso de autores de artigos e de reportagens. Quando essa informação não estava explícita ou deixava alguma dúvida, realizou-se uma pesquisa em sites de busca na internet utilizando o nome da pessoa responsável pela produção da matéria. A rede social de negócios *LinkedIn* foi uma ferramenta que contribuiu bastante para elucidação dessas ocorrências, uma vez que nela estão disponíveis dados acadêmicos e profissionais fornecidos pelos próprios usuários.

É importante salientar neste ponto que tanto as informações sobre ocupação quanto os dados sobre gênero foram cuidadosamente revisados, com o fito de evitar distorções. Nesse sentido, examinou-se cada uma das reportagens mais de uma vez, observando se o item lexical *empoderamento* era utilizado pelo autor do texto ou se estava na fala de um entrevistado, por exemplo.

Já no que se refere à editoria, esta informação foi coletada a partir dos dados fornecidos pelo motor de busca do acervo digital, que a informava nos resultados. Os dados foram classificados, portanto, em termos de 26 editorias: *Segundo Caderno; Jornais de Bairro; Revista Ela; Rio; Opinião; Economia; O País; Rio Show; O Mundo; Sociedade; Esportes; Revista O Globo; Ela; Boa Chance; Primeiro Caderno; Segunda Página; Primeira Página; Razão Social; Ciência; Prosa e Verso; Comercial; Caderno Especial; Marketing; Revista da TV; Niterói; e Negócios e Leilões*. Houve dois casos que a base não informou a editoria e foram classificados como *sem editoria*. Essa classificação fornecida foi a adotada para se evitar o problema de um mesmo texto poder ser interpretado em termos de diferentes áreas.

Levando em consideração pesquisa semelhante desenvolvida por Cambraia (2020), uma questão que convém mencionar, nesta parte de codificação dos dados, diz respeito à confiabilidade das informações coletadas. Nos textos do *corpus*, existem dois tipos de registros: o não mediado (quando o autor do texto reproduziu a fala de um entrevistado) e o mediado (quando quem assinou o texto era também o enunciador). Tanto para as situações em que o registro era não mediado quanto para os casos em que o registro era mediado, é pouco provável que as informações contidas nas reportagens tenham sofrido distorção relevante. Nos casos do

texto com registro não mediado, dificilmente o revisor de textos do jornal terá feito alterações nas escolhas lexicais do autor, uma vez que essa revisão se restringe apenas a aspectos envolvendo a correção gramatical e ortográfica. Nas situações de registro mediado, como os textos coletados são mais recentes, o repórter, para registrar a fala do entrevistado, tem acesso a ferramentas tecnológicas que permitem manter total fidedignidade às informações obtidas.

7 Descrição e discussão dos dados

A descrição e a discussão dos dados desta pesquisa exigem inicialmente uma reavaliação de duas questões mencionadas no texto de Freitas (2017): a data de criação do neologismo *empoderamento* no português e a sua autoria. Após essa reavaliação, passa-se à análise dos dados dos dados obtidos no *corpus* de OGL.

7.1 Origem e autoria do neologismo *empoderamento*

No *corpus* do jornal OGL, a primeira ocorrência do item lexical⁹ *empoderamento* se dá em texto de 2003. Trata-se de uma sinopse publicada no *box* relativo a lançamentos:

O poder que brota da dor da opressão, de Eduardo Mourão Vasconcelos • Editora Paulus, 384 páginas • R\$ 30

• O autor tenta explicar o que é *empowerment*: ‘empoderamento’ ou aumento de autonomia. Conceito que aborda como minorias e deficientes podem valorizar suas duras experiências. (OGL, 13 de dezembro de 2003, Matutina, Prosa e Verso, p. 4, grifos do original)

Como Freitas (2017) fez menção a Paulo Freire e a parte de etimologia do dicionário Aurélio (2022) sugere que seja “como criação do educador brasileiro Paulo Freire (1921-1997)”, deduz-se que esse neologismo já existisse antes de sua primeira ocorrência em OGL. Mas desde quando?

Em uma busca minuciosa na base do Google Books¹⁰, a ocorrência mais antiga do neologismo *empoderamento* encontrada nela está presente em texto publicado em setembro de 1992 (cf. anexo 1):

Constituímos uma aliança de mulheres engajadas, lideranças comunitárias, trabalhadoras da saúde e pesquisadoras de diversas raças, culturas e países de origem. Dentro de nossas habilidades específicas, estamos trabalhando para contribuir no processo de "*empoderamento*" das mulheres, tendo como uma de nossas bandeiras a

⁹ Deve-se salientar aqui que a forma *empoderamento* está sendo considerada no contexto da linguagem comum, presente em textos de um periódico, por isso está sendo analisada a partir da perspectiva da lexicologia e sendo identificada como *item lexical* (e não como *termo*). Trata-se da mesma abordagem adotada por Cambraia (2020) em relação aos itens *menor abandonado* e *menino de rua*.

¹⁰ Disponível em: <https://books.google.com>.

liberdade reprodutiva. Nossa ação é contra a pobreza, a desigualdade, o racismo e a degradação do meio ambiente. (ECOS, 1992, p. 39, itálico nosso)

Um aspecto importante dessa atestação está no fato de o neologismo ocorrer entre aspas, marcador claro do *sentimento de neologia* na época (ALVES, 2007, p. 83-84). Esse texto é, na verdade, a tradução de um manifesto lançado pelo Comitê sobre Mulheres, População e Meio Ambiente (ing. *Committee on Women, Population and the Environment*), coordenado pela americana Norma Swenson, no mesmo ano de 1992 (cf. anexo 2), intitulado *Call for a New Approach*:

The Committee on Women, Population and the Environment is an alliance of women activists, community organizers, health practitioners, and scholars of diverse races, cultures, and countries of origin working for women's *empowerment* and reproductive freedom, and against poverty, inequality, racism, and environmental degradation. Issued in 1992, their statement, "Women, Population and the Environment: Call for a New Approach" continues to gather individual and organizational endorsements from around the world. (HARTMANN, 1995, p. 311, itálico nosso)

É bem possível que quem traduziu esse manifesto para o português tenha sido uma mulher, uma vez que a revista *Presença da Mulher*, então editada por Sara Romera Sorrentino, tinha apenas mulheres em seu quadro (editora, diretora, conselho editorial e colaboradoras). Nesse caso, a criação do neologismo seria atribuível a uma mulher.

Não se vê, além disso, vínculo direto entre essa primeira ocorrência e o educador Paulo Freire. Para solucionar a dúvida quanto ao papel desse educador na história desse neologismo foi necessário fazer uma busca em suas obras. Uma explicação bastante elucidativa foi dada pela esposa do educador, Ana Maria Araújo Freire, no início da 2ª edição da obra *Pedagogia dos Sonhos Possíveis*, de 2014:

Nesta edição retirei um ensaio desta Parte I, "Educando o educador", o alocando, mais adequadamente, na Parte II. No seu lugar introduzi um texto, também inédito e sem data, sucinto e contundente — "Educação, empoderamento e libertação" — que além de muito belo serve, sobretudo, para dirimir dúvidas e equívocos com relação à aceitação ou não, por parte de Paulo, do conceito de *empowerment*, surgido nos EUA e traduzido no Brasil por empoderamento.

Cito um exemplo de um estudioso de meu marido, que inadvertida e ingenuamente, asseverou que empoderamento é "Conceito central teórico e prático de Freire, presente pela primeira vez em *Medo e ousadia*, escrito em parceria com Ira Shor (1986)[...]."

Ora, este conceito jamais foi usado por Paulo em nenhum de seus livros individuais, sem exceção. O leitor o encontrará apenas nesta mencionada obra *Medo e ousadia* e no *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*, em coautoria com Donald Macedo, ambos livro-falados, com parceiros que são, não coincidentemente, norte-americanos, pois este é um conceito que preocupava sobremaneira os intelectuais dos EUA. E foram eles dois que trouxeram para a cena das discussões o conceito de *empowerment*, e não Paulo, que aos dois proclamou sua recusa ao conceito, comumente usado pelos academicistas de lá, de *empoderamento*. Creio que este texto que constará desta publicação vai contribuir, substantivamente, para o

esclarecimento necessário. Para não pairar mais dúvidas sobre a inadequação de relacionar empoderamento, conceito que caracteriza a supremacia dos indivíduos no sistema capitalista, de uns sobre os outros, verticalmente, em detrimento da relevância das classes sociais do socialismo democrático - não a social-democracia - sonhado por Paulo. (FREIRE, 2014)

O estudo a que se refere Freire (2014) é o verbete *empoderamento*, de autoria de Pedro Guareschi, no *Dicionário Paulo Freire* (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2010), de que se reproduz trecho abaixo:

Conceito central ao referencial teórico e prático de Freire, presente pela primeira vez no livro *Medo e ousadia*, escrito em parceria com Ira Shor (1986). Os autores já de início alertam para os equívocos a que o termo pode conduzir. Previnem que deve ser tomado não no sentido de dar poder a alguém, em que o sujeito “recebe” de outro algum recurso (com merecimento dele ou sem), dentro de uma perspectiva individualista, mas no sentido de ativar a potencialidade criativa de alguém, como também de desenvolver e potencializar a capacidade das pessoas. Dentro do amplo referencial freiriano, é importante realçar que o empoderamento não é apenas um ato psicológico, individual, mas um ato social e político, pois o ser humano, para Freire, é intrinsecamente social e político, é pessoa=relação. (...) Além disso, num olhar mais crítico e detalhado, pode-se dizer que empoderamento está intimamente ligado à conscientização, tanto assim que em alguns países, como no Canadá, conscientização foi inicialmente traduzida por empowerment. (GUARESCHI, 2010, p. 147)

Segundo o esclarecimento de Freire (2014), não há, portanto, a adoção do conceito de *empowerment* como elemento integrante da visão educacional de Paulo Freire. Assinala também que é em obras de co-autoria que esse conceito aparece, reforçando, assim, ser próprio da visão de terceiros, vinculados à cultura americana. No que se refere à questão propriamente lexical, de fato não se constata a forma portuguesa *empoderamento* nas duas referidas obras de Paulo Freire, ou seja, em *Medo e Ousadia: o Cotidiano do Professor* (1986) e em *Alfabetização: Leitura do Mundo, Leitura da Palavra* (1990). A obra *Medo e Ousadia* foi fruto de diálogos entre Paulo Freire e Ira Schor entre 1984 e 1985, aparentemente conduzidas em inglês. O conteúdo desses diálogos foi publicado primeiramente em tradução para o português em 1986 (FREIRE; SCHOR, 1986) e depois em inglês mesmo em 1987 (SCHOR, FREIRE, 1987). O aspecto mais importante quanto à questão lexical é que, na tradução portuguesa dos diálogos, não houve a tradução de *empowerment* por *empoderamento*, e sim manutenção da forma em inglês, como se pode ver pela comparação de um mesmo trecho nas duas edições:

PAULO. Sim. Apesar de que acho curioso como as pessoas nos EUA estão tão preocupadas em usar a palavra e o conceito do *empowerment*. Existe alguma razão para isso, algum sentido. Meu medo de usar a expressão *empowerment* é que algumas pessoas acham que essa prática ativa a potencialidade criativa dos alunos, e então está tudo

Paulo Yes, perhaps we can say that the physics course 'empowers' students, but it is interesting to me how people in the United States are so preoccupied in using this word and concept 'empowerment.' There is some reason in this, some meaning to it. My fear in using the expression 'empowerment' is that some people may think that such a practice simply empowers the

terminado, nosso trabalho está arruinado, liquidado! Gostaria de poder expressar melhor meu profundo sentimento sobre esse desejo de usar a palavra *empowerment*.

students, and then everything is finished, our work is done, over! I wish I could better express the feeling deep inside me about this desire to use the word 'empowerment.'

IRA. Você se preocupa com o fato de que *empowerment* nos dá uma saída muito fácil? Que nos leva a pensar que o professor é uma espécie de acendedor de lampiões? Entra numa sala de aula, ilumina, como se acendesse um interruptor de luz, e depois sai, missão cumprida. E vai para a próxima aula, onde, mais uma vez, acende algumas lâmpadas, e chama isso de *empowerment*. (FREIRE; SCHOR, 1986, p. 134)

Ira Do you worry that 'empowerment' gives us too easy a way out? Does it lead us to think of the teacher as a kind of lamp-lighter? The teacher walks into a classroom, provokes some illumination, like turning on a light-switch, and then walks out, mission accomplished. On to the next class, where once again the teacher lights some lamps and calls it 'empowerment.' (SCHOR; FREIRE, 1987, p. 108)

Logo no início da obra *Medo e Ousadia*, em português, consta uma nota esclarecendo que:

Devido à riqueza da palavra *empowerment*, que significa A) dar poder a, B) ativar a potencialidade criativa, C) desenvolver a potencialidade criativa do sujeito, D) dinamizar a potencialidade do sujeito, manteremos a palavra no original e em grifo. (FREIRE; SCHOR, 1986, p. 11).

Nota semelhante ocorre no início da obra *Alfabetização: Leitura do Mundo, Leitura da Palavra*:

O verbo *to empower* tem um significado muito rico: 1. dar poder a; 2. ativar a potencialidade criativa; 3. desenvolver a potencialidade criativa do sujeito; 4. dinamizar a potencialidade do sujeito. Por isso, preferimos manter essa palavra no original, bem como suas derivadas *empowerment* (subst.), *empowering* (ger.), *disempower* (antôn.) etc. (FREIRE; MACEDO, 1990, p. XII)

Como se vê, embora a justificativa dos tradutores tenha sido a riqueza semântica da palavra, parece patente a opção política de Freire de não recomendar a tradução de *empowerment* por *empoderamento* em suas obras justamente para deixar evidente tratar-se de conceito estranho às suas ideias, fato corroborado pelo depoimento de sua esposa acima citado (FREIRE, 2014).

Todos esses dados sugerem que não parece seguro associar Paulo Freire à criação do neologismo *empoderamento*. No entanto, sua esposa informa ter acrescentado um texto desse educador na 2ª. edição da obra *Pedagogia dos Sonhos Possíveis*, de 2014, em que a forma portuguesa efetivamente ocorre: trata-se do texto não datado e até então inédito, intitulado "Educação, empoderamento e libertação". Tendo Paulo Freire falecido em 1997, pode-se dizer, portanto, apenas que essa data é o *terminus ad quem* do uso de Freire do neologismo português *empoderamento*. Não é impossível que já a tivesse usado oralmente antes dessa data, mas constatar isso exige uma verificação através da assistência a todas as gravações preservadas de discurso oral desse educador, o que não é viável para o presente estudo.

Sendo assim, considerando apenas *testemunhos escritos datados*, o que se pode dizer quanto ao surgimento do neologismo *empoderamento* é que o registro mais antigo encontrado até o momento é de setembro de 1992.

No que se refere à forma inglesa, Freitas (2017) diz que “[e]m 1977, o psicólogo norte-americano Julian Rappaport cunhou a forma ‘empowerment’ a partir da palavra ‘power’ (‘poder’)”. Tal interpretação choca-se com outros registros. Assim, por exemplo, Perkins (2010, p. 208), defende que

Foi só com o livro *Black Empowerment: Social Work in Oppressed Communities* de Barbara Solomon de 1976 que o termo ‘empowerment’ apareceu em seu uso atual. Ele foi logo seguido, em 1977, por uma influente monografia, do American Enterprise Institute, de Peter Berger e Richard Neuhaus, intitulada *To Empower People: The Role of Mediating Structures in Public Policy*. (PERKINS, 2010, p. 208, tradução nossa)

Só o título da obra de 1976 já evidencia que o item *empowerment* é anterior a 1977. O mesmo estudioso, no entanto, é bastante enfático em relação à contribuição de Rappaport (1981) no percurso histórico relativo aos paradigmas vinculados ao conceito expresso por *empowerment* (PERKINS, 2010, p. 208).

No *Online Etymology Dictionary*, informa-se como data de atestação mais antiga da forma inglesa *empowerment* o ano de 1814¹¹. Essa data é compatível com a atestação mais antiga na base do Google Books, que se dá em livro de 1814: trata-se da obra *The Charters and General Laws of the Colony and Province of Massachusetts Bay*. Entretanto, a forma ocorre no Capítulo XCVII das Leis da Província da Baía de Massachusetts, datado de 1708, o que significa remontar a mais de um século antes de 1814:

Be it therefore declared and enacted by his excellency the governor, council and representatives, in general court assembled, and by the authority of the same, that the goods, chattels, housing and lands of any impotent or distracted person, or the produce thereof upon sale made by license and *empowerment* as aforesaid, be subject in the first place, and be accordingly so directed and applied to the payment of the just debts owing by such person, which were contracted before the time of his or her distraction; any restriction or limitation in the aforesaid act, law, usage or custom to the contrary notwithstanding. (THE CHARTERS, 1814, p. 387; itálico nosso)

Nesse trecho, percebe-se claramente que a palavra *empowerment* é usada no sentido de “autorização”, significado bastante diverso daquele referido por Perkins (2010) em relação à obra *Black Empowerment: Social Work in Oppressed Communities* de Barbara Solomon de 1976.

Se, por um lado, a formação do vocábulo *empowerment* no inglês é anterior ao séc. XX, remontando, pelo menos, ao séc. XVIII, já, por outro lado, fica em aberto quando terá ocorrido

¹¹ No *Merriam-Webster Dictionary*, informa-se como data de primeira atestação de *empowerment* o ano de 1651, com o sentido de “the state of being empowered to do something: the power, right, or authority to do something” (tradução nossa: “o estado de estar empoderado para fazer algo: o poder, direito, ou autoridade para fazer algo”), mas não é informado o texto em que estaria presente, logo não foi possível confirmar a informação.

a inovação semântica de associar essa palavra a processos relativos aos movimentos sociais: pelos dados apurados, essa inovação já existiria desde, pelo menos, 1976.

No *corpus* do jornal OGL, a primeira ocorrência do item lexical *empowerment*, que foi o modelo para a versão portuguesa, ocorreu em 13 de março de 1994, em matéria paga, como informativo da ABRH (Associação Brasileira de Recursos Humanos):

SEMINÁRIOS INTERNACIONAIS

O Galápagos Inn estará promovendo um ciclo de seminários ao longo do ano, de abril a novembro, com figuras das mais representativas do mundo empresarial, tais como John Naisbitt; James Austin; Igor Ansoff; Roger Nagel; John Whitney; James Belasco; Robert Tomasko; Pat Townsend e Joan Gebhardt que abordarão temas como Megatendências e o Paradoxo Global; Competitividade nos Países em Desenvolvimento; Administração Estratégica: Como Sobreviver em Ambientes Turbulentos; Competição Ágil: Organizações Virtuais e Alianças Estratégicas; Além da Reengenharia: o Fator Confiança, *Empowerment*, Liderança e Motivação: Rightsizing: O Tamanho Certo de sua Empresa: e Qualidade em Ação. (OGL, Rio de Janeiro, Boa Chance, 13 de março de 1994, p. 2; itálico nosso)

Pelo excerto se vê que o item lexical *empowerment* aparece empregado em texto da área de administração e no caderno dedicado a economia (*Boa Chance*), com forte vínculo à cultura americana (os palestrantes dos seminários são americanos), mas ainda não se trata de uso por jornalistas do periódico. Em texto de jornalista de OGL, aparece mais tarde no mesmo ano e no mesmo caderno econômico *Boa Chance*: trata-se do artigo “Mais poder para funcionários”, de autoria de Germana Costa Moura, de 18 de setembro de 1994. Esse texto é todo dedicado à apresentação do que é chamado de “técnica do *empowerment*”, tomando como base o livro *10 Passos para o Empowerment*, de Diane Tracy (TRACY, 1994). O texto do jornal é interessante por evidenciar como o item lexical era usado para veicular uma visão liberal dentro do campo da administração e da economia naquela época e também porque apresenta como tradução desse item lexical para o português a forma *energização* (e não *empoderamento*):

Mais poder para os funcionários

Técnica do empowerment prevê descentralização de tarefas na empresa

GERMANA COSTA MOURA

O trabalho vai bem. Ou melhor, normal: os gerentes pensando, os supervisores supervisionando e os funcionários executando. O salário está nos padrões, os benefícios compensam mas, ainda assim, falta alguma coisa. Será algo de anormal? Absolutamente. Num cenário de extrema competitividade como o de hoje, empresas como a Consultoria Trevisan, a Transportes Aéreos Marília (TAM) e Xerox já despertam para o fato de que é preciso mais do que um contracheque atraente para motivar o trabalhador. Este é o princípio do **empowerment** (ou energização em português), um novo modelo de gestão que decreta o fim "mão de ferro" centralizando a produção. Não ganham só os empregados. O objetivo é tornar mais rápido e eficiente o atendimento às necessidades do cliente.

A premissa é simples: para ampliar o poder de alcançar as metas da empresa, é preciso delegar poder aos empregados, tornando-os autodirigíveis. O novo chefe deve ser, agora, um agente facilitador das tarefas. O objetivo não é puramente social. Mais autônomos, os empregados se mostram criativos ao resolver problemas cotidianos, ampliando a produção. A explicação está no livro "Os dez passos para o empowerment", um dos quatro lançamentos da Editora Campus sobre o assunto:

— A maioria das pessoas contribui com apenas uma pequena fração de sua capacidade total, simplesmente porque não tem um sentido de poder pessoal. Quase todo poder está com a cúpula e a maioria das pessoas envereda pelo caminho da mediocridade — diz a especialista americana Diane Tracy, ainda na introdução.

O livro de Tracy fornece um manual de como inverter esse quadro. O mesmo pretende o consultor da Trevisan Alfredo Pires de Castro. Entusiasmado com os fundamentos de William Byham, descritos em "Zapp!, o poder da energização"¹², ele escreveu "Zapp! em ação", que traz depoimentos de 18 empresários brasileiros. São cinco etapas (veja quadro abaixo) até energizar por completo a equipe, como explica o autor:

— O processo demora de um a dois anos para ser implementado. Durante esse tempo, o líder da equipe deixa de centralizar as ordens e informações assumindo o papel de parceiro de cada funcionário. (OGL, Rio de Janeiro, Boa Chance, 18 de setembro de 1994, p. 4; grifos do original)

Parece bem evidente que o conceito vinculado à forma inglesa *empowerment* presente em OGL nos primeiros momentos é diferente não apenas da visão expressa pelo item lexical na obra de Barbara Solomon de 1976 (vinculada à noção de enfrentamento da opressão étnica e econômica) mas também da visão que emerge nas duas obras dialogais de Paulo Freire com pesquisadores americanos (vinculada à noção de ativação da potencialidade criativa). No texto de OGL acima reproduzido, está clara a concepção capitalista e liberal vinculada ao item lexical *empowerment* na época em questão.

Vê-se, então, que a forma portuguesa *empoderamento* só se mostrou presente em OGL em 2003, quase uma década depois do primeiro registro de *empowerment* no mesmo periódico, em 1994.

¹² A palavra *energização* corresponde, no título em original no inglês dessa obra, novamente a *empowerment*: "Zapp!: the lightning of empowerment: how to improve productivity, quality, and employee satisfaction" (BYHAM; COX, 1990).

7.2 Empoderamento em OGL

Discutidas a origem e a autoria do item lexical *empoderamento*, passa-se agora a descrever como esse vocábulo se comporta nos textos coletados no jornal OGL, apresentando-se a seguir tabelas e gráficos que nortearão a análise dos dados.

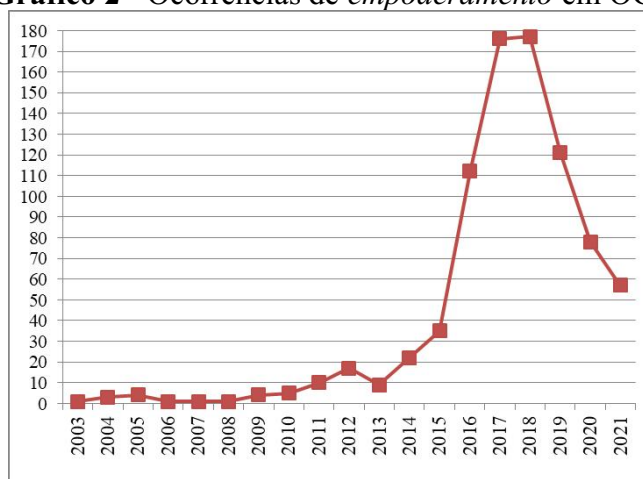
7.2.1 Padrões gerais

Como elucidado na seção 6, foi coletado um total de 834 ocorrências do item lexical *empoderamento*, divididas em três *subcorpora* que consideraram a ascensão (S1), o ápice (S2) e a queda no uso de tal item lexical (S3), conforme é possível ver na tabela 1 e no gráfico 2 abaixo:

Tabela 1 - Ocorrências de *empoderamento(s)* em OGL

<i>Subcorpus</i>	Ano	(n)	Total
S1	2003	1	225
	2004	3	
	2005	4	
	2006	1	
	2007	1	
	2008	1	
	2009	4	
	2010	5	
	2011	10	
	2012	17	
	2013	9	
	2014	22	
	2015	35	
S2	2016	112	353
	2017	176	
S3	2018	177	256
	2019	121	
	2020	78	
	2021	57	
Total		834	834

Gráfico 2 - Ocorrências de *empoderamento* em OGL



Inicialmente, é importante ver que foi no ano de 2016 que se deu o aumento mais significativo no uso de *empoderamento*. Nesse ano, o Brasil passou por um momento histórico importante, em que a primeira mulher eleita presidenta do Brasil foi afastada e, posteriormente, cassada de seu cargo por meio de um processo de *impeachment*¹³.

A presente interpretação é bastante diversa da de Freitas (2017), que atribuiu o aumento da busca no Google em 2017 à entrevista do publicitário Olivetto em 27 de julho de 2017 e às reações a ela nas redes sociais, e não à cassação do mandato de Dilma Rousseff em agosto de 2016. Em todo o *corpus* da presente pesquisa em OGL, houve apenas um texto com referência à crítica de Olivetto à expressão *empoderamento feminino* (uma entrevista publicada em 13 de janeiro de 2018, referente à autobiografia do profissional), fato que confirma que, pelo menos em OGL, não é essa entrevista que justifica o aumento do uso da palavra *empoderamento* entre 2016 e 2017. Curiosamente, as jornadas de junho de 2013, que, segundo Freitas (2017), justificariam o primeiro pico de busca por *empoderamento* no Google, também não apresentam compatibilidade com os dados de OGL, pois, neste, o primeiro pico foi em 2012 e houve outro em 2014, mas, em 2013, houve, na verdade, queda do uso. Deve-se então reconhecer que o Google e o jornal OGL são universos bastante próprios, com funcionamento relativamente independente.

Um dado que contribui para evidenciar que a questão do gênero foi relevante no contexto da cassação do mandato de Dilma Rousseff está nos próprios discursos preferidos na sessão de *impeachment* de 2016, nos quais o lexema MULHER constou dentre as 200 lexias mais frequentes (na 103ª posição na lista não lematizada e na 80ª posição na lista lematizada) (RIBEIRO, 2020, p. 30-31) por oposição aos discursos relativos ao *impeachment* de Fernando Collor de Mello em 1992, em que não apareceu dentre as 200 mais frequentes:

O campo lexical *sociedade* é talvez um dos campos que mais evidenciam a mudança do “olhar” da política através das décadas. No discurso dos congressistas de 1992 vê-se referência à juventude, o que se explica pelo fato de os jovens (os chamados *carapintadas*, termo presente em alguns dos discursos) terem tido um papel importante na mobilização em favor do *impeachment*. Já quanto aos dados de 2016, considerando que o advento da tecnologia desencadeou a popularização das redes sociais e as facilidades dos meios de comunicação, a participação de diferentes setores da população brasileira nos assuntos da política cresceu de maneira significativa. As manifestações, que tiveram início em 2013 e se repetiram nos anos seguintes, colocaram-na nas ruas, como os lexemas nos mostram: MAIORIA, MULHER, MUNDO, POBRE e TRABALHADOR. Muitos foram os deputados e senadores que justificaram seus votos enaltecendo “as vozes da rua”, ou seja, as pessoas que se dirigiram às manifestações para pedir por mudanças no governo. Deve-se salientar também que, tendo a presidenta Dilma sua base no Partido dos Trabalhadores,

¹³ O afastamento ocorreu por determinação do Senado em 12 de maio de 2016 e a cassação do mandato ocorreu por votação do Senado em 31 de agosto de 2016.

diversos foram os discursos em que a figura do trabalhador foi evocada. O fato de ser a primeira mulher a ocupar o cargo da presidência também foi colocado em evidência, como se vê pelo lexema MULHER. (RIBEIRO, 2020, p. 36-37)

O próprio item lexical *empoderamento*,¹⁴ na expressão *empoderamento das mulheres*, aparece no discurso da deputada Luiz Erundina na sessão de 2016: “Pelos que deram a vida pela democracia no Brasil e pelo *empoderamento das mulheres*, meu voto é — não” (RIBEIRO, 2020, p. 179).

Após a cassação do mandato de Dilma Rousseff, o então vice-presidente da República Michel Temer assumiu definitivamente o comando do país, e as questões de gênero, que já estavam sendo discutidas durante o *impeachment*, passaram a ganhar ainda mais força quando Temer refez a sua equipe política e não nomeou mulheres para ocupar os cargos de ministério. A atitude do governante foi alvo de críticas e chegou aos noticiários, como é possível notar em matéria de autoria das jornalistas Thais Arbex e Thais Bilenk, publicada pelo jornal *Folha de São Paulo*, em 12 de maio de 2016:

Se confirmar os nomes cotados para ministros em seu provável governo, Michel Temer (PMDB) será o primeiro presidente desde Ernesto Geisel (1974-1979) a não incluir mulheres na Esplanada. [...] Com a composição ministerial com que deve assumir a Presidência interinamente, Temer quebra a tradição iniciada pelo general João Figueiredo (1979-1985), que, durante a ditadura militar, indicou a primeira ministra do Brasil. Esther de Figueiredo Ferraz (1915-2008) comandou a pasta de Educação e Cultura entre 1982 e 1985. Depois de Figueiredo, todos os presidentes nomearam mulheres. José Sarney (1985-1990) indicou uma. Fernando Collor (1990-1992), Itamar Franco (1992-1995) e Fernando Henrique Cardoso (1995-2003), duas cada. Nos governos petistas, a participação feminina foi mais abundante. Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2011) teve 11 ministras (duas delas interina) e Dilma Rousseff, 15 (sendo três interinas). (ARBEX; BILENK, 2016).

Nesse sentido, parece pertinente associar o ápice de uso do vocábulo *empoderamento* com as questões políticas que ocorriam no Brasil. Sobretudo porque, como será possível ver na seção seguinte, o item lexical estudado nesta pesquisa é frequentemente acompanhado do adjetivo *feminino*, formando a expressão *empoderamento feminino* e abordando questões que envolvem os direitos das mulheres. Em momentos de crise, nos quais esses direitos parecem estar em perigo, prestes a serem violados, nada mais lógico que, como forma de resposta e de resistência, empregue-se com ainda mais constância um item lexical progressista, que representa a tomada de poder por grupos minoritários.

¹⁴ Trata-se, no entanto, da única ocorrência desse item nos discursos de 2016, não ocorrendo nenhuma de cognato seu. Nos discursos de 1992 não há nenhuma ocorrência dele, nem de seus cognatos.

Em segundo lugar, é preciso dar especial atenção aos anos de 2017 e 2018, referentes a S2: é nesse período em que há o ápice do vocábulo *empoderamento*. Tal pico é certamente decorrência do debate que emergiu com a cassação do mandato de Dilma Rousseff.

Em terceiro lugar, nota-se foi no ano de 2019 que se deu a queda mais significativa no uso de *empoderamento*. Novamente se devem considerar os fatores históricos referentes a essa data. Isso porque a eleição do presidente Jair Bolsonaro em outubro 2018 e a sua posse em janeiro de 2019 trouxeram à tona uma onda de aversão e de menosprezo às mulheres, incentivada por atitudes do político, que, comumente, prega a supremacia dos homens na sociedade.

Ações opressoras, quando praticadas constantemente por um representante político de tamanha importância, são capazes de atingir e influenciar inúmeras pessoas e começam a reverberar, ganhando adeptos e se multiplicando com rapidez. Como consequência, há o silenciamento da voz das mulheres na sociedade, o que pode ser uma das razões capazes de explicar não só o declínio do emprego do item lexical *empoderamento*.

7.2.2 Fator intralinguístico: entorno lexical

Com o intuito de conhecer os significados associados ao item *empoderamento*, é preciso examinar as palavras que aparecem no seu entorno. Para isso, utilizou-se a estratégia de se trabalhar com uma lista com os 100 lexemas mais frequentes para cada *subcorpus* (cf. a seguir tabelas 2, 3 e 4), conforme já elucidado na parte dedicada à metodologia empregada nesta pesquisa. Em seguida, esses lexemas foram distribuídos campos lexicais (cf. tabela 5 mais adiante) e também em 4 colunas que representam os lexemas selecionados (ou seja, presentes nas listas) comuns aos *subcorpora* S1, S2 e S3 e os lexemas selecionados presentes apenas em um ou dois *subcorpora*. Essa divisão é bastante interessante, pois permite descobrir as principais noções vinculadas ao item lexical *empoderamento*. Na coluna mais à direita do quadro 1, informa-se o total de lexemas diferentes presentes no campo lexical respectivo.

A análise dos dados organizados nas tabelas 2, 3, 4 e 5 será feita de forma conjunta, a fim de evitar repetições na sua exposição. Por isso, a discussão dos dados alternará, sempre que necessário, entre as informações das tabelas.

Para estabelecer uma comparação entre os *subcorpora*, nas tabelas a seguir, empregou-se o seguinte sistema de anotação: ↑ registra subida de posição na ordem em relação à tabela anterior, ↓ registra descida de posição na ordem, = registra manutenção de posição e * registra

ausência na tabela anterior. A anotação na tabela 3 toma a tabela 2 como referência e a na tabela 4 toma a tabela 3 como referência.

Tabela 2 - Lista seletiva lematizada de S1 (2003-2016)¹⁵

Ord.	Lexema	Freq.	Ord.	Lexema	Freq.	Ord.	Lexema	Freq.
1	MULHER	610	35	HOMEM	134	69	EXEMPLO	89
2	FAZER	498	36	FURNAS	131	70	FAMÍLIA	87
3	ANO	453	36	GRANDE	131	70	MERCADO	87
4	DIZER	382	38	CONSUMIDOR	130	72	AMBIENTE	86
5	PODER (vb.)	345	39	MAIOR	128	72	CASO	86
6	RIO (DE JANEIRO)	300	40	DESIGN	127	74	EDUCAÇÃO	85
7	DAR	294	41	FORMA	122	75	CULTURAL	84
8	BRASIL	280	41	SOCIEDADE	122	76	SISTEMA	83
9	SOCIAL	278	43	MILHÃO	121	77	ENERGIA	82
10	PAÍS	275	44	REDE	120	78	ESCOLA	81
11	PESSOA	255	44	PRESIDENTE	120	78	EVENTO	81
12	EMPRESA	243	46	GENTE	119	78	MÚSICA	81
13	VER	241	47	PARTE	117	81	PARTIDO	80
14	NOVO	238	48	CASA	114	81	SEMANA	80
15	PROJETO	237	49	R(EAL) (sb.)	113	83	ESPAÇO	78
16	H(ORA)	218	50	GÊNERO	112	83	HISTÓRIA	78
17	QUERER	212	51	CONTAR	111	85	PALESTRANTE	76
18	DIA	207	52	PROCESSO	109	86	IGUALDADE	75
19	DIREITO	197	53	PODER (sb.)	108	86	INTERNET	75
20	MUNDO	190	54	AMBIENTAL	107	86	NACIONAL	75
21	VEZ	184	55	AÇÃO	106	89	GLOBO	74
22	GOVERNO	173	56	TEMA	105	90	PARTICIPAÇÃO	73
23	VIDA	170	57	IMPORTANTE	103	90	SAÚDE	73
24	PÚBLICO (adj.)	167	57	POLÍTICO (adj.)	103	90	SUSTENTÁVEL	73
25	BRASILEIRO	166	59	CULTURA	98	93	JUSTIÇA	72
26	TRABALHO	162	59	CIDADE	98	94	(SÃO) PAULO	71
27	PROGRAMA	161	61	JOVEM	97	94	POLÍTICO (sb.)	71
28	DESENVOLVIMENTO	160	62	POPULAÇÃO	94	96	GLOBAL	69
28	POLÍTICA (sb.)	160	63	OBJETIVO	93	97	ACESSO	68
30	BOM	146	63	GRUPO	93	97	PAPEL	68
31	FEMININO	141	63	MOVIMENTO	93	99	MOMENTO	67
32	DEVER (vb.)	140	66	FILME	90	100	PÚBLICO (sb.)	62
32	VIR	140	66	IDEIA	90			
34	TEMPO	138	66	LUGAR	90			

¹⁵ Composição de S1: 186 textos; sem aplicação da lista de exclusão: 18.111 *types* e 142.423 *tokens*; com aplicação da lista de exclusão: 17.630 *types* e 74.161 *tokens*. Lexemas com mesmo número de ocorrência recebem mesmo número de ordenação.

Tabela 3 - Lista seletiva lematizada de S2 (2017-2018)¹⁶

Ord.	Lexema	Freq.	Ord.	Lexema	Freq.	Ord.	Lexema	Freq.
1	ANO ↑	1049	35	HISTÓRIA ↑	198	69	LIVRO *	117
2	MULHER ↓	896	36	FILME ↑	191	70	CENTRO *	114
3	FAZER ↓	789	36	GENTE ↑	191	71	DIRETOR *	113
4	H(ORA) ↑	756	38	REDE ↑	188	72	GOVERNO ↓	112
5	DIZER ↓	505	39	BOM ↓	185	72	NOME *	112
6	DIA ↑	486	40	MÚSICA ↑	180	72	SEMANA ↑	112
7	RIO (DE JANEIRO) ↓	479	41	GLOBO ↑	164	75	CULTURA ↓	111
8	PODER (vb.) ↓	450	42	GRUPO ↑	161	75	SAÚDE ↑	111
9	DAR ↓	424	42	TEATRO *	161	77	FEIRA *	110
10	NOVO ↑	353	44	PROGRAMA ↓	154	77	SOCIEDADE ↓	110
11	VER ↑	349	45	ATRIZ *	153	79	IMPORTANTE ↓	109
12	FALAR *	308	45	DIREITO ↓	153	79	MODA *	109
13	PESSOA ↓	302	45	JOVEM ↑	153	79	PÚBLICO (adj.) ↓	109
14	BRASIL ↓	295	45	MAIOR ↑	153	82	IDEIA ↓	107
15	R(EAL) (sb.) ↑	284	49	CIDADE ↑	147	82	PARTIR *	107
16	FEMININO ↑	276	50	FILHO *	146	84	CORPO *	104
17	HOMEM ↑	266	50	PARTE ↓	146	84	MOMENTO ↑	104
18	MUNDO ↑	261	52	FORMA ↓	143	86	CARIOCA *	103
19	VIDA ↑	256	53	MOSTRAR *	142	86	PAPEL ↑	103
20	NEGRO *	254	54	SHOW *	140	88	EXEMPLO ↓	101
21	VEZ =	249	55	MÃE *	137	89	MODELO *	100
22	CONTAR ↑	234	56	QUESTÃO *	136	90	PASSADO (adj.) *	96
23	CASA ↑	227	57	EVENTO ↑	133	91	TEXTO *	95
23	PRESIDENTE ↑	227	57	LUGAR ↑	133	92	MENOR *	94
25	BRASILEIRO =	224	59	GÊNERO ↓	130	93	CARREIRA *	88
25	GRANDE ↑	224	59	PALESTRANTE ↑	130	94	PÚBLICO (sb.) ↑	87
27	EMPRESA ↓	221	61	CANTOR *	129	95	SALA *	85
28	SOCIAL ↓	220	62	FAMÍLIA ↑	125	96	MERCADO ↓	84
29	TRABALHO ↓	217	63	MILHÃO ↓	124	97	DIREÇÃO *	83
29	VIR ↑	217	64	FIM *	123	98	PODER (sb.) ↓	82
31	RUA *	215	64	PEÇA *	123	98	RECOMENDAR *	82
31	TEMPO ↑	215	66	ESCOLA ↑	121	100	VIOLÊNCIA *	79
33	PAÍS ↓	214	67	ESPAÇO ↑	120			
34	PROJETO ↓	208	67	PERSONAGEM *	120			

¹⁶ Composição de S2: 287 textos; sem aplicação de lista de exclusão: 22.569 *types* e 207.710 *tokens*; com aplicação de lista de exclusão: 22.103 *types* e 109.075 *tokens*.

Tabela 4 - Lista seletiva lematizada de S3 (2019-2021)¹⁷

Ord.	Lexema	Freq.	Ord.	Lexema	Freq.	Ord.	Lexema	Freq.
1	MULHER ↑	694	35	MAIOR ↑	133	69	IMPORTANTE ↑	81
2	ANO ↓	635	35	PRECISAR *	133	70	ARTE *	80
3	FAZER =	601	37	HISTÓRIA ↓	127	70	MILHÃO ↓	80
4	DIZER ↑	397	38	GRUPO ↑	126	72	SAÚDE ↑	79
5	PODER (vb.) ↑	370	39	PROGRAMA ↑	125	73	FILME ↓	78
6	DAR ↑	311	40	MOSTRAR ↑	121	73	MERCADO ↓	78
7	NOVO ↑	259	41	REDE ↓	120	75	NACIONAL *	77
8	FEMININO ↑	229	42	AFIRMAR *	119	75	POLÍTICA (sb.) *	77
9	BRASIL ↑	224	43	ESCOLA ↑	116	77	PANDEMIA *	76
10	DIA ↓	218	44	CULTURA ↑	111	78	ATRIZ ↓	73
11	PESSOA ↑	211	44	R(EAL) (sb.) ↓	111	79	GÊNERO ↓	72
12	QUERER *	208	46	GLOBO ↓	110	79	MOVIMENTO *	72
12	SOCIAL ↑	208	47	PARTE ↑	107	79	VIOLÊNCIA ↑	72
14	RIO (DE JANEIRO) ↓	205	48	MÃE ↑	106	82	FIM ↓	71
15	FALAR ↓	204	48	QUESTÃO ↑	106	82	PROCESSO *	71
16	PAÍS ↑	196	50	FORMA ↑	105	82	SEMANA ↓	71
17	TRABALHO ↑	190	51	MÚSICA ↓	104	85	PASSADO (adj.) ↑	69
18	VEZ ↑	185	52	FAMÍLIA ↑	102	86	RELAÇÃO *	68
19	PROJETO ↑	183	52	PÚBLICO (sb.) ↑	102	87	CARREIRA ↑	67
20	NEGRO =	181	54	ESPAÇO ↑	100	88	SÉRIE *	66
21	H(ORA) ↓	180	54	NOME ↑	100	89	EXEMPLO ↓	64
22	VIDA ↓	178	56	MOMENTO ↑	97	90	PRODUÇÃO *	63
23	CONTAR ↓	172	57	SOCIEDADE ↑	96	91	PODER (sb.) ↑	62
24	EMPRESA ↑	171	58	LIVRO ↑	89	91	(SÃO) PAULO *	62
25	GRANDE =	164	58	MODA ↑	89	91	SUL *	62
25	MUNDO ↓	164	60	EDUCAÇÃO *	88	94	BUSCAR *	61
27	VIR ↓	155	61	MILITAR *	86	94	DIVERSIDADE *	61
28	PRESIDENTE ↓	154	61	PAI *	86	94	INSTAGRAM *	61
29	CASA ↓	138	63	CRIANÇA *	85	94	PAPEL ↓	61
30	HOMEM ↓	137	63	MARCA *	85	98	FEIRA ↓	59
31	BRASILEIRO ↓	136	65	CANTOR ↓	84	99	INTERNET *	58
31	TEMPO =	136	65	LUGAR ↓	84	100	SEGURANÇA *	55
33	GENTE ↑	135	65	POLÍTICO (adj.) *	84			
34	GOVERNO ↑	134	65	PÚBLICO (adj.) ↑	84			

¹⁷ Composição de S3: 219 textos; sem aplicação de lista de exclusão: 18.687 *types* e 148.489 *tokens*; com aplicação de lista de exclusão: 18.238 *types* e 77.042 *tokens*.

Tabela 5 - Lexemas selecionados nos subcorpora S1, S2 e S3 em OGL

Campo lexical	Lexemas selecionados comuns a S1, S2 e S3	Demais lexemas selecionados de S1 (2003-2016)	Demais lexemas selecionados de S2 (2017-2018)	Demais lexemas selecionados de S3 (2019-2021)	Total
1. Pessoa	BRASILEIRO, FAMÍLIA, FEMININO, GÊNERO, GENTE, GRUPO, HOMEM, MULHER, PESSOA, PÚBLICO (sb.), SOCIAL, SOCIEDADE	JOVEM, PALESTRANTE, POPULAÇÃO	JOVEM, CARIOCA, MÃE, FILHO, NEGRO, PALESTRANTE	PAI, MÃE, CRIANÇA, NEGRO	21
2. Cultura	CULTURA, FILME, HISTÓRIA, MÚSICA, PAPEL	CULTURAL, DESIGN, EVENTO	ATRIZ, CANTOR, EVENTO, LIVRO, MODA, MODELO, PEÇA, PERSONAGEM, SHOW, TEATRO, TEXTO	ARTE, ATRIZ, CANTOR, LIVRO, MODA, PRODUÇÃO	20
3. Ação	DAR, FAZER, PROGRAMA, PROJETO, VIR	AÇÃO, ACESSO, DESENVOLVIMENTO, MOVIMENTO, OBJETIVO, PARTICIPAÇÃO, PROCESSO	MOSTRAR, RECOMENDAR	BUSCAR, MOSTRAR, MOVIMENTO, PROCESSO,	15
4. Lugar	LUGAR, ESPAÇO, CASA, RIO (DE JANEIRO), BRASIL, PAÍS, MUNDO	CIDADE, (SÃO) PAULO, GLOBAL,	SALA, RUA, CENTRO, CIDADE	(SÃO) PAULO, SUL	14
5. Tempo	H(ORA), DIA, SEMANA, ANO, MOMENTO, VEZ, TEMPO		FEIRA, PASSADO (adj.)	FEIRA, PASSADO (adj.)	9
6. Cognição	CONTAR, DIZER, EXEMPLO	IDEIA, TEMA, VER	FALAR, IDEIA, QUESTÃO, VER	AFIRMAR, FALAR, QUESTÃO	9
7. Economia	EMPRESA, MERCADO, TRABALHO, MILHÃO, R(EAL) (sb.)	CONSUMIDOR	CARREIRA	CARREIRA, MARCA	8
8. Política	PODER (sb.)	PARTIDO, POLÍTICA (sb.), POLÍTICO (sb.), POLÍTICO (adj.)		POLÍTICA (sb.), POLÍTICO (adj.)	5
9. Organização	REDE, PRESIDENTE	SISTEMA	DIRETOR, DIREÇÃO		5
10. Meio Ambiente		AMBIENTAL, AMBIENTE, ENERGIA, FURNAS, SUSTENTÁVEL			5
11. Saúde	SAÚDE, VIDA		CORPO	PANDEMIA	4
12. Comunicação	GLOBO	INTERNET		INTERNET, INSTAGRAM	3
13. Quantificação	GRANDE, MAIOR		MENOR		3
14. Estado	GOVERNO, PÚBLICO (adj.)	NACIONAL		NACIONAL	3
15. Valor		IGUALDADE, JUSTIÇA		DIVERSIDADE	3
16. Segurança			VIOLÊNCIA	SEGURANÇA, MILITAR, VIOLÊNCIA	3
17. Educação	ESCOLA	EDUCAÇÃO		EDUCAÇÃO	2
18. Direito		DIREITO	DIREITO		1
19. Indefinido	FORMA, IMPORTANTE, NOVO, PARTE, PODER (vb.)	BOM, CASO, DEVER (vb.), QUERER	BOM, FIM, NOME, PARTIR	FIM, NOME, PRECISAR, QUERER, RELAÇÃO, SÉRIE	15
Total	60	40	40	40	

Examinando as primeiras posições nas tabelas 2, 3 e 4, verifica-se de imediato que o lexema MULHER é seguramente o mais importante: ocupa a 1ª posição nas tabelas 1 e 3 e 2ª posição na tabela 2. Isso revela que o item lexical *empoderamento*, em OGL, está intrinsecamente relacionado ao gênero feminino e às questões relacionadas a tal universo. O próprio adjetivo FEMININO também faz parte dos 100 lexemas mais frequentes, estando na 31ª posição na tab. 1, 16ª na tab. 2 e 8ª na tab. 3: nota-se, então, que houve uma intensificação do vínculo à mulher na faixa de tempo estudada. Também chama a atenção a presença do lexema GÊNERO, como comum a todos os *subcorpora*. Como já assinalado, a expressão *empoderamento feminino* é a mais frequente no *corpus* como um todo dentre as combinações com esse substantivo (essa questão será retomada na análise da tabela 6 mais adiante).

Uma consulta à tabela 5 permite ver que os lexemas MULHER, FEMININO e GÊNERO pertencem ao campo lexical de *Pessoa*, que é claramente o mais numeroso em termos de lexemas diferentes (com 21). Percebe-se, assim, que o sentido de empoderamento também se enquadra em uma questão social mais ampla: constam como comuns aos três *subcorpora* também os lexemas HOMEM, FAMÍLIA, SOCIEDADE/SOCIAL, GENTE e GRUPO. É também no campo lexical de *Pessoa* que se constata duas mudanças muito interessantes em relação a S1: (a) a emergência de lexemas mais específicos relacionados a família, como MÃE e FILHO em S2 e PAI, MÃE e CRIANÇA em S3; e (b) a emergência de lexema relacionado a etnia, uma vez que NEGRO ocorre tanto em S2 quanto em S3 (em ambos os casos na 20ª posição). No primeiro caso, é possível verificar que a questão do empoderamento se amplia, abarcando não apenas a mulher de forma geral, mas também a mulher como membro da família, impactando dessa forma nos demais membros dela (pai e filho). No segundo caso, a questão da etnia se manifesta de duas formas. A primeira delas se refere ao feminismo negro, movimento que objetiva vencer as desigualdades causadas pelo racismo e pelo patriarcalismo em relação às mulheres negras. A segunda, mais recorrente, abrange o tema do empoderamento negro de forma mais ampla, tratando do alcance da ação de empoderar para a população negra de modo geral. Chama a atenção o fato de que a questão do empoderamento dessa etnia só tenha se tornado lexicalmente saliente no *corpus* de OGL a partir de S2 (ou seja, de 2017-2018), embora, como já assinalado, tenha sido justamente vinculado a essa etnia que o item lexical em inglês *empowerment* foi atestado originalmente por Perkins (2010, p. 208) na obra de Barbara Solomon de 1976 (cf. *Black Empowerment: Social Work in Oppressed Communities*): foram necessários então 40 anos para esse vínculo se tornar visível no Brasil na mídia em estudo.

O segundo campo mais abundante em termos de lexemas diferentes é o de *Cultura* (com 20). Apesar de haver lexemas comuns a todos os três *subcorpora* (CULTURA, FILME,

HISTÓRIA, MÚSICA e PAPEL), nota-se claramente um aumento de itens desse campo em S2 (2017-2018), tais como ATRIZ, CANTOR, EVENTO, LIVRO, MODA, MODELO, PEÇA, PERSONAGEM, SHOW, TEATRO e TEXTO. Essas palavras evidenciam que a cultura passou a ser empregada como uma ferramenta de empoderamento e, conseqüentemente, de mobilidade social, mas também mostram o fato de atrizes e de cantoras terem se tornado símbolos e exemplos de empoderamento feminino (consultando os textos do *corpus* referente a cultura, constata-se menção a personalidades como Madonna, Anitta, Iza, Ingrid Guimarães, Karol Conká, Mc Soffia, Paolla Oliveira, Bruna Liznmeier, Negra Li, Meghan Markle, etc.). Nessa perspectiva, os itens FILME, MÚSICA, LIVRO e TEATRO representam instrumentos para empoderamento e, ao mesmo tempo, canais de comunicação com o papel de divulgar e propagar tal movimento.

O terceiro campo mais numeroso é o de *Ação*, no qual há verbos e substantivos que demonstram o fato de o empoderamento ser um PROCESSO, o qual envolve organização em um MOVIMENTO, com OBJETIVO e PARTICIPAÇÃO de diversos setores.

Alguns campos parecem ser inerentes ao fato de os textos serem próprios de periódicos, já que as notícias geralmente envolvem de forma regular aspectos como onde (cf. campo de *Lugar*, com 14 lexemas diferentes) e quando (cf. campo de *Tempo*, com 9 lexemas diferentes). O fato de o campo de *Lugar* ser composto de várias esferas (desde RIO (DE JANEIRO) até MUNDO, passando por BRASIL) sugere que o empoderamento seja uma questão interpretada em várias dimensões, e não apenas na realidade carioca (que é à qual o periódico está mais vinculado).

O campo de *Cognição* (com 9 lexemas diferentes) também pode ser relacionado ao gênero textual, já que muitos dos textos com o item *empoderamento* contêm reflexões sobre o tema, apresentando assim lexemas próprios de argumentação: convém ressaltar que uma das editoriais em que o item em questão mais aparece é justamente na de *Opinião* (cf. tabela 10 mais adiante: é a 5ª editoria em que esse item é mais frequente)

É muito importante perceber que o campo de *Economia* também é relevante em termos numéricos (com 8 lexemas diferentes). Isso sugere que o TRABALHO como forma de independência financeira pode ser um facilitador da construção do empoderamento. Há, porém, uma diferença sutil mas relevante: enquanto, em S1, há no campo de *Economia* CONSUMIDOR, o que aponta para o empoderamento como um aspecto mais capitalista, já em S2 e S3 constam em comum CARREIRA, o que sugere ênfase no aspecto de desenvolvimento pessoal. A questão, portanto, também é vista sob a perspectiva do empreendedorismo e da oportunidade profissional como forma de empoderar os indivíduos.

O campo de *Política* também se mostra relevante, pois está no conjunto da primeira metade dos campos com mais lexemas diferentes (embora com apenas 5 itens). O *empoderamento* feminino, expressão muito recorrente em OGL, está intimamente relacionado ao movimento feminista, que é uma forma de posicionamento político em busca de direitos essenciais, entre eles a equidade de gênero. Justamente por isso, não é surpresa que o campo de *Direito* tenha item dentre os 100 lexemas mais frequentes de cada *subcorpus*. Mas chama a atenção que ele tenha se mostrado relevante apenas em S1 e S2, provavelmente por estar mais relacionado ao domínio histórico de origem. Igualmente associado a *Política* e *Direito*, pode-se citar o campo de *Valor*, pois é nele que se manifestam os lexemas que representam diretrizes para a ação política: a busca de IGUALDADE e de JUSTIÇA, com respeito à DIVERSIDADE. O fato de este último ser relevante apenas em S3 mostra que essa questão parece ter se tornado saliente nos textos de OGL apenas nessa época: é justamente nesse período em que ocorre pela primeira vez a expressão *empoderamento LGBTQIAP+*, o que se deu em 2021, embora uma expressão correlata mas mais abrangente, *empoderamento dos negros, mulheres, gays e todas as minorias discriminadas*, tivesse ocorrido alguns anos antes, em 2016 (cf. tabela 6 adiante).

A presença de lexemas relacionados ao campo de *Meio Ambiente* está fortemente relacionada a um texto específico em S1, que é matéria paga com informe sobre as ações da empresa de Furnas, a qual aderiu aos “Princípios de Empoderamento das Mulheres - Igualdade Significa Negócios, iniciativa conjunta do Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (United Nations Development Fund for Women - Unifem) e do Pacto Global das Nações Unidas”. Isso revela que a questão do empoderamento é visto em um contexto mais amplo de ações empresariais na época. Mas há também ocorrências relacionadas a meio ambiente fora desses informes, referente a ações consideradas indispensáveis para preservação da natureza e que, no periódico OGL, são associadas à ação capazes de empoderar as causas ambientais. Uma das primeiras ocorrências de expressão com empoderamento relacionada a meio ambiente, *empoderamento da causa ambiental*, foi igualmente em S1, mas fora dos referidos informes e em dada anterior a eles, ou seja, em 2009 (cf. tabela 6 adiante). O campo de *Saúde* pode ser relacionado a esse campo de Meio Ambiente em suas formas comuns (SAÚDE e VIDA), com a diferença principal de o lexema PANDEMIA ser relevante em S3, retratando assim o ambiente epidemiológico vivido desde março de 2020, em que a covid-19 passou a afetar bruscamente o cotidiano e a convivência das pessoas.

O campo de *Comunicação* torna evidente a origem dos textos (cf. GLOBO), mas também mostra os principais meios de comunicação utilizados no tratamento do tema: INTERNET e INSTAGRAM. No cenário pandêmico, a internet tonou-se uma ferramenta ainda

mais indispensável para todos, inclusive para aqueles que precisaram usar as redes sociais para o trabalho e a sobrevivência.

Dois outros campos que merecem atenção são o de *Estado* e o de *Segurança*: nas reportagens que compõem o *corpus* desta pesquisa, quando há a temática VIOLÊNCIA, esses campos se encontram, ficando evidente que o GOVERNO não consegue cumprir a sua função de garantir proteção aos cidadãos no cenário NACIONAL. De maneira geral, elas são empregadas em textos que tratam de crimes praticados contra as mulheres, contra o meio ambiente e contra os moradores das grandes cidades. Frente a isso, é natural que haja no S3 um aumento no uso da palavra VIOLÊNCIA, o que é um reflexo dos fatos noticiados.

Também é digno de menção o campo de *Educação*, que reflete o fato de se considerar que a ESCOLA, instituição por excelência de EDUCAÇÃO, tem papel importante para o empoderamento do indivíduo.

Para enriquecer a análise relativa ao entorno lexical, verificaram-se também os colocados à direita do item *empoderamento*, o que possibilita ver historicamente por quais domínios o(s) conceito(s) expresso(s) por esse item se expandiu(iram). A lista de colocados também segue um agrupamento por campo lexical, aparecendo sombreada a expressão mais antiga registrada para cada campo, seguida das outras cronologicamente ordenadas do mesmo campo: para todas elas, apresenta-se a data de primeira ocorrência. Os campos também aparecem organizados em ordem cronológica. Na coluna *total*, informa-se o número de ocorrências da expressão no *corpus* como um todo, não se referindo apenas à data de primeira ocorrência. Os campos da tabela 5 são diferentes dos da tabela 6, porque, nesta, as expressões não se referem apenas aos 100 lexemas mais frequentes, razão pela qual se tornou necessária uma nova classificação.

Tabela 6 - Colocados à direita de *empoderamento*¹⁸ por 1ª ocorrência por campo lexical

Campo lexical	Expressão	Data	Gênero	Ocupação	Total
Sociedade	<i>empoderamento da sociedade civil</i>	06/06/2005	Feminino	Jornalista	2
	<i>empoderamento das organizações da sociedade civil</i>	06/03/2006	Masculino	Escritor	1
	<i>empoderamento social</i>	28/07/2013	Masculino	Advogado	1
	<i>empoderamento da sociedade</i>	28/02/2016	Feminino	Defensora Pública	2
	<i>empoderamento de um povo</i>	01/03/2017	Masculino	Administrador	1
	<i>empoderamento da população</i>	25/08/2018	Feminino	Estudante	2
	<i>empoderamento coletivo</i>	03/11/2018	Feminino	Influenciadora digital	1
Gênero 1	<i>empoderamento da mulher</i>	25/12/2005	Feminino	Advogada	32
	<i>empoderamento das mulheres</i>	12/06/2010	Feminino	Jornalista	43
	<i>empoderamento de mulheres</i>	07/10/2010	Feminino	Jurista	9
	<i>empoderamento feminino</i>	15/12/2011	Masculino	Jornalista	292
	<i>"empoderamento" de toda a sua geração feminina</i>	02/06/2014	Masculino	Jornalista	1
	<i>empoderamento de todas as mulheres</i>	07/03/2017	Masculino	Político	1
Cidadania	<i>empoderamento da cidadania</i>	30/09/2008	Feminino	Desembargadora	1
	<i>empoderamento dos cidadãos</i>	28/08/2013	Masculino	Sociólogo	3
	<i>empoderamento do cidadão</i>	17/02/2019	Masculino	Jornalista	1
Economia	<i>empoderamento financeiro da revendedora</i>	19/05/2009	Masculino	Diretor Executivo	1
	<i>empoderamento do consumidor</i>	22/07/2009	Feminino	Professora	5
	<i>empoderamento econômico</i>	21/06/2012	Feminino	Diretora de Sustentabilidade	4
	<i>empoderamento deles [= dos consumidores]</i>	15/11/2015	Feminino	Diretora de Ong	1
	<i>empoderamento de seus clientes</i>	11/12/2019	Não Identificado	Jornalista	1
	<i>empoderamento contábil</i>	04/12/2020	Feminino	Jornalista	2
	<i>empoderamento financeiro</i>	23/05/2021	Misto	Jornalistas	1
Meio ambiente	<i>empoderamento da causa ambiental</i>	27/12/2009	Masculino	Engenheiro Florestal	1
	<i>empoderamento das organizações sociais para o manejo florestal comunitário e familiar em assentamentos</i>	12/04/2011	Não Identificado	Não Identificado	1
	<i>empoderamento desses órgãos ambientais</i>	25/10/2020	Masculino	Militar	1

¹⁸ Não incluem as combinações com os adjetivos *puro, real, avant la lettre, fora de série, minimalista e vanguardista, infinitos*.

Classe social	<i>empoderamento das favelas</i>	18/10/2010	Masculino	Escritor	1
	<i>empoderamento popular</i>	26/11/2016	Masculino	Frade	3
	<i>empoderamento de pessoas da periferia</i>	09/02/2018	Masculino	Diretor Musical	1
Faixa etária e etnia 1	<i>empoderamento da juventude negra</i>	18/11/2010	Não Identificado	[Afroreggae]	1
Grupos minoritários	<i>empoderamento de setores tradicionalmente excluídos</i>	16/06/2011	Feminino	Jurista	1
	<i>empoderamento dos marginalizados</i>	21/10/2015	Masculino	Antropólogo	1
	<i>empoderamento dos negros, mulheres, gays e todas as minorias discriminadas</i>	18/11/2016	Feminino	Diretora Artística	1
	<i>empoderamento das minorias</i>	15/10/2018	Masculino	Cineasta	1
	<i>“empoderamento” de minorias</i>	28/04/2019	Masculino	Economista	1
Indivíduo e comunidade	<i>empoderamento individual e comunitário</i>	06/09/2011	Masculino	Consultor em Sustentabilidade	1
Política	<i>empoderamento político</i>	02/11/2011	Feminino	Jornalista	2
	<i>empoderamento de lideranças</i>	16/08/2015	Feminino	Atriz	1
	<i>empoderamento de jovens líderes das Américas</i>	19/09/2018	Masculino	Jornalista	1
	<i>empoderamento das lideranças locais</i>	28/09/2018	Masculino	Diretor	1
	<i>empoderamento de vozes muito radicais que costumavam ficar de fora do espectro político</i>	16/05/2021	Masculino	Pesquisador	1
Gênero 1 e faixa etária	<i>empoderamento das mulheres e dos jovens</i>	17/06/2012	Masculino	Médico	1
	<i>empoderamento das mulheres e de jovens</i>	17/06/2012	Masculino	Médico	1
Indivíduo/Pessoa	<i>empoderamento dos indivíduos</i>	30/06/2012	Masculino	Jornalista	1
	<i>empoderamento individual</i>	17/07/2012	Masculino	Promotor	1
	<i>empoderamento das pessoas</i>	08/06/2014	Masculino	Filósofo	3
	<i>empoderamento do indivíduo</i>	24/08/2014	Masculino	Ex-presidente	3
	<i>empoderamento pessoal</i>	08/06/2017	Feminino	Jornalista	2
Arte	<i>empoderamento do espectador</i>	25/08/2012	Masculino	Administrador	1
	<i>empoderament[o] artístico</i>	02/06/2014	Masculino	Jornalista	1
	<i>empoderamento carnavalesco</i>	10/02/2018	Masculino	Jornalista	1
Religião	<i>empoderamento de setores religiosos nas instituições públicas</i>	04/04/2013	Feminino	Jurista	1
	<i>empoderamento do fiel</i>	23/12/2019	Feminino	Jornalista	1
Direito	<i>empoderamento do seu direito à universidade pública</i>	14/01/2014	Masculino	Religioso Professor	1

Comunidade	<i>empoderamento da comunidade</i>	05/06/2014	Masculino	Advogado	3
Nação	<i>empoderamento dos EUA</i>	16/12/2014	Feminino	Jornalista	1
	<i>empoderamento do cidadão cubano</i>	04/11/2016	Masculino	Historiador	1
	<i>empoderamento de Taiwan</i>	24/01/2017	Não Identificado	Jornalista	1
Gênero 1 e ocupação	<i>empoderamento das mulheres rurais</i>	20/06/2015	Feminino	Jornalista	1
Instituição	<i>empoderamento de instituições que realmente transformam vidas e criam oportunidades de escolhas</i>	16/08/2015	Feminino	Atriz	1
Ocupação	<i>empoderamento dos bibliotecários</i>	13/08/2018	Masculino	Jornalista	1
	<i>empoderamento do grupo [= membros da Academia Sueca]</i>	13/08/2018	Feminino	Jornalista	1
	<i>empoderamento de artesãs e costureiras</i>	08/10/2018	Não Identificado	Jornalista	1
	<i>empoderamento dos uniformizados</i>	13/01/2019	Masculino	Jornalista	1
	<i>empoderamento dessas causas [= categorias militares na aprovação de um regime especial da Previdência]</i>	21/02/2020	Misto	Jornalistas	1
	<i>empoderamento de seus jogadores</i>	19/06/2020	Feminino	Jornalista	1
	<i>empoderamento" da classe [= policiais civis]</i>	06/09/2020	Feminino	Jornalistas	1
	<i>empoderamento profissional</i>	06/07/2021	Misto	Jornalistas	1
Educação	<i>empoderamento dos diretores de escola</i>	14/12/2015	Masculino	Economista	1
	<i>empoderamento dos alunos</i>	31/03/2017	Feminino	Jornalista	1
Gênero 1, faixa etária e etnia 1	<i>empoderamento de meninas negras</i>	23/12/2015	Masculino	Jornalista	1
Família	<i>"empoderamento" da família</i>	10/04/2016	Feminino	Neurocientista	1
	<i>empoderamento da parceira</i>	29/04/2018	Masculino	Jornalista	1
	<i>empoderamento das mães</i>	19/09/2018	Masculino	Jornalista	1
	<i>empoderamento familiar</i>	22/09/2019	Feminino	Artista Plástica	1
	<i>empoderamento materno</i>	12/10/2019	Não Identificado	Jornalista	1
Administração	<i>empoderamento das formas não estatais de gestão</i>	17/04/2016	Masculino	Ex-presidente	1
	<i>empoderamento" de seus principais executivos</i>	23/04/2017	Masculino	Jornalista	1
	<i>empoderamento do papel da empresa na relação direta com os trabalhadores</i>	25/04/2017	Masculino	Professor	1
Etnia 2	<i>empoderamento indígena</i>	22/04/2016	Não Identificado	Jornalista	1

Judiciário	<i>empoderamento do Judiciário</i>	06/05/2016	Masculino	Jurista	1
	<i>empoderamento do Ministério Público</i>	01/12/2016	Feminino	Jornalista	1
	<i>empoderamento” de juízes de primeira instância</i>	12/01/2020			1
	<i>empoderamento do conselheiro tutelar e do papel dele na sociedade</i>	16/02/2020	Masculino	Conselheiro Tutelar	1
Faixa etária	<i>empoderamento de crianças, adolescentes e jovens</i>	19/06/2016	Feminino	Assistente Social	1
	<i>empoderamento dessas crianças</i>	24/08/2017	Feminino	Advogada	1
	<i>empoderamento desse grupo [=pessoas com mais de 60 anos]</i>	16/12/2018	Feminino	Advogada	1
	<i>empoderamento de meninas e meninos</i>	02/01/2020	Não Identificado	[Nota do MDH]	1
Gênero 1 e religião	<i>empoderamento da mulher muçulmana</i>	28/08/2016	Feminino	Jornalista	1
Gênero 1 e etnia 1	<i>empoderamento da mulher negra</i>	03/09/2016	Feminino	Cantora	11
Música	<i>empoderamento de gêneros sob formação musical inusitada</i>	22/09/2016	Não Identificado	Jornalista	1
	<i>empoderamento do hip hop</i>	25/11/2019	Masculino	Jornalista	1
Etnia 1	<i>empoderamento negro</i>	22/09/2016	Feminino	Jornalistas	7
	<i>empoderamento da cultura negra</i>	16/01/2017	Feminino	Jornalista	1
	<i>“empoderamento preto”</i>	19/11/2017	Masculino	Jornalista	1
	<i>empoderamento de negros</i>	15/02/2018	Masculino	Jornalista	1
	<i>empoderamento pós-apartheid</i>	15/02/2018	Masculino	Jornalista	1
	<i>empoderamento da população negra</i>	02/07/2020	Masculino	Jornalista	1
Crime	<i>empoderamento de facções criminosas</i>	03/01/2017	Masculino	Frade	1
	<i>empoderamento dos criminosos</i>	12/12/2018	Masculino	Senador	1
Gênero 1 e faixa etária	<i>empoderamento das mulheres e meninas do mundo inteiro</i>	28/05/2017	Masculino	Jornalista	1
	<i>empoderamento das jovens</i>	06/08/2017	Masculino	Psicanalista	1
	<i>empoderamento das mulheres maduras</i>	08/01/2018	Masculino	Produtor	1
	<i>empoderamento de mulheres acima dos 50 anos</i>	18/03/2018	Feminino	Jornalista	1
	<i>empoderamento da mocinha Jasmine</i>	23/05/2019	Feminino	Jornalista	1
Imagem	<i>empoderamento estético</i>	19/08/2017	Não Identificado	Jornalista	2
	<i>empoderamento do corpo</i>	23/01/2018	Masculino	Escritor	1

Tecnologia	<i>empoderamento digital</i>	12/12/2017	Feminino	Jornalista	8
	<i>empoderamento do usuário</i>	04/05/2021	Masculino	Empresário	1
Gênero 1 e arte	<i>empoderamento das sambistas</i>	14/01/2018	Masculino	Jornalista	1
	<i>empoderamento das suas protagonistas [= da Disney]</i>	24/01/2018	Feminino	Jornalista	1
Relação pessoal	<i>empoderamento do perdão</i>	10/07/2018	Masculino	Jornalista	1
Gênero 2	<i>'empoderamento' masculino</i>	26/08/2018	Masculino	Jornalista	1
Saúde	<i>empoderamento individual do médico</i>	30/10/2018	Não Identificado	Não Identificado	1
	<i>empoderamento do Plano Nacional de Imunização</i>	20/03/2021	Não Identificado	Não Identificado	1
Economia e etnia 1	<i>empoderamento econômico negro</i>	05/05/2019	Masculino	Não Identificado	1
Saúde e gênero 1	<i>empoderamento sexual feminino</i>	12/05/2019	Masculino	Jornalista	2
Legislativo	<i>empoderamento do Congresso</i>	15/06/2019	Masculino	Jornalista	1
Economia, gênero 1 e ocupação	<i>empoderamento econômico de mulheres refugiadas via moda</i>	20/10/2019	Não Identificado	Não Identificado	1
Saúde e gênero 1	<i>empoderamento ginecológico da mulher</i>	14/12/2019	Feminino	Jornalista	1
Etnia 1 e classe social	<i>empoderamento dos negros da periferia</i>	25/11/2019	Masculino	Jornalista	1
Orientação sexual /Identidade de gênero	<i>empoderamento LGBTQIAP+</i>	14/09/2021	Feminino	Jornalista	3
Total			M: 64 / F: 42 / X: 3 / NI: 13	J: 57 / O: 60 / NI: 5	

Um dos aspectos mais interessantes que podem ser verificados pela tabela 6 é a questão da ordenação cronológica dos domínios de expressão do empoderamento:

- o social (cf. *empoderamento da sociedade civil*: 2005) precedeu o individual (cf. *empoderamento dos indivíduos*: 2012), que precedeu o familiar (*"empoderamento" da família*: 2016);

- o de gênero (cf. *empoderamento da mulher*: 2005) precedeu o de classe social (cf. *empoderamento das favelas*: 18/10/2010) e o de faixa etária e etnia (cf. *empoderamento da juventude negra*: 18/11/2010);

- o econômico (cf. *empoderamento financeiro da revendedora*: 2009) precedeu o político (cf. *empoderamento político*: 2011) e o administrativo (*empoderamento das formas não estatais de gestão*: 2016);

- o da etnia negra (cf. *empoderamento da juventude negra*: 2010) precedeu o da etnia indígena (cf. *empoderamento indígena*: 2016);
- o judiciário (cf. *empoderamento do Judiciário*: 2016) precedeu o legislativo (cf. *empoderamento do Congresso*: 2019);
- o de faixa etária jovem/adulta no gênero feminino (cf. *empoderamento das mulheres e meninas do mundo inteiro*: 2017) precedeu o de faixa de mais de 50 anos (cf. *empoderamento de mulheres acima dos 50 anos*).

Tomando como referência a obra de Barbara Solomon de 1976 (cf. *Black Empowerment: Social Work in Oppressed Communities*), citada por Perkins (2010, p. 208) como principal referência para o uso moderno de *empowerment*, percebe-se que há certos paralelos.

A referência a *Social Work* revela um vínculo ao social na origem, que, de fato, foi o primeiro manifesto na lista das expressões de *empoderamento* com um colocado, em 2005 (cf. *empoderamento da sociedade civil*), mas quase 30 anos depois da referida obra...

Também na obra em questão, fica claro o tema da etnia (cf. *Black Empowerment*), mas no *corpus* de OGL, a questão da etnia só aparece em colocados bem depois da referência ao social, apenas em 2010 (cf. *empoderamento da juventude negra*).

Por fim, vê-se que a questão do gênero (cf. *empoderamento da mulher*) também evidente em OGL em termos de precedência (já em 2005) e de frequência (378 ocs. levando em conta apenas gênero feminino) não foi prioritária na obra de Solomon.

Como se verifica, uma idiosincrasia no percurso de *empoderamento* em OGL por oposição ao de *empowerment* no inglês de forma geral é claramente a precedência da questão do gênero naquele em relação ao de etnia neste (basta lembrar aqui que na tabela 5, o lexema NEGRO só se torna saliente em S2 e S3, ou seja, a partir de 2017).

7.2.3 Fatores extralinguísticos

Três fatores extralinguísticos foram considerados nesta pesquisa: *gênero, ocupação e editoria*.

7.2.3.1 Gênero

No *corpus* deste trabalho, foi possível identificar o gênero do enunciador em 82% dos textos, estabelecendo-se a seguinte divisão: **M** = Masculino; **F** = Feminino; **X** = Misto (ou seja, co-autoria masculina e feminina) e **NI** = Não Identificado. Os resultados dessa codificação estão resumidos na tabela e nos gráficos a seguir:

Tabela 7 - Ocorrências de *empoderamento* por gênero do enunciador em OGL

	Números absolutos (n)					Números relativos (%)				
	M	F	X	NI	Total	M	F	X	NI	Total
2003	0	0	0	1	1	0	0	0	100	100
2004	1	2	0	0	3	33	67	0	0	100
2005	1	3	0	0	4	25	75	0	0	100
2006	1	0	0	0	1	100	0	0	0	100
2007	0	1	0	0	1	0	100	0	0	100
2008	0	1	0	0	1	0	100	0	0	100
2009	2	1	0	1	4	50	25	0	25	100
2010	2	2	0	1	5	40	40	0	20	100
2011	2	6	0	2	10	20	60	0	20	100
2012	13	3	0	1	17	76	18	0	6	100
2013	6	1	0	2	9	67	11	0	22	100
2014	11	10	0	1	22	50	45	0	5	100
2015	10	22	1	2	35	29	63	3	6	100
2016	35	60	1	16	112	31	54	1	14	100
2017	59	73	0	44	176	34	41	0	25	100
2018	76	75	0	26	177	43	42	0	15	100
2019	39	52	5	25	121	32	43	4	21	100
2020	19	33	4	22	78	24	42	5	28	100
2021	23	24	4	6	57	40	42	7	11	100
Total	300	369	15	150	834	36	44	2	18	100

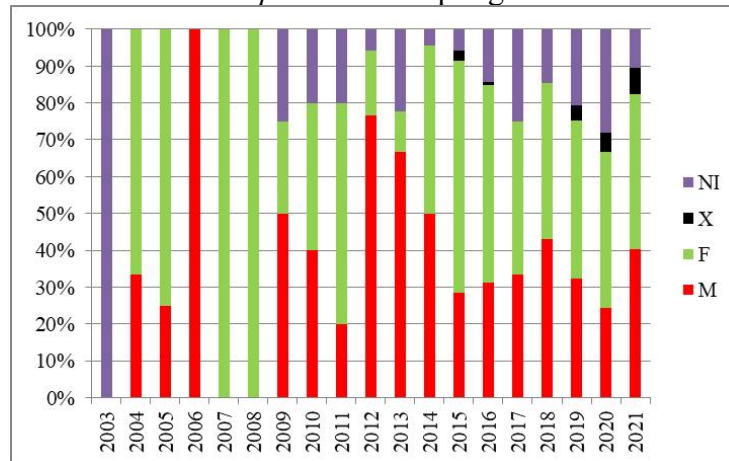
Gráfico 3 - Ocorrências de *empoderamento* por gênero do enunciador em OGL

Gráfico 4 - Ocorrências de *empoderamento* por gênero do enunciador em OGL: dados apenas de gênero masculino e feminino

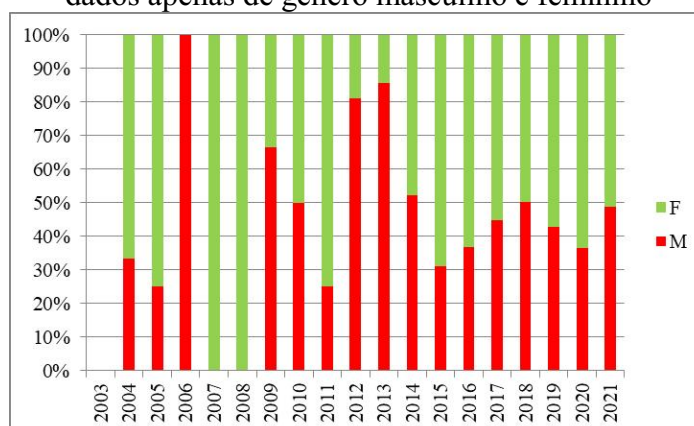
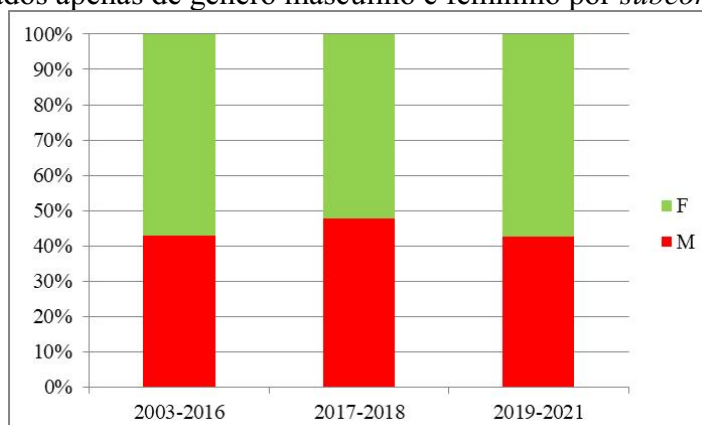


Gráfico 5 - Ocorrências de *empoderamento* por gênero do enunciador em OGL: dados apenas de gênero masculino e feminino por *subcorpus*



Ao analisar a tabela e os gráficos acima, percebe-se que a primeira ocorrência do item lexical *empoderamento* no *corpus*, datada do ano de 2003, aparece em um texto produzido por autor de gênero não identificado, inferido como sendo de ocupação de jornalista. A partir de então, vê-se que o item lexical é utilizado predominantemente por mulheres, sobretudo nos anos de 2007 e 2008, em que há apenas uso da forma com autoria feminina. É visível ainda que, de 2015 em diante, as mulheres continuam sendo a maioria no uso do item lexical estudado.

Conjuntamente, constata-se que o item lexical em questão é mais utilizado pelas mulheres, contabilizando 44% (cf. tabela 7). O uso feito pelos representantes do sexo masculino vem na sequência e soma 36%. Já os não identificados correspondem a 18%. Por último, os casos nos quais o gênero é misto, isto é, em que a reportagem foi escrita por mais de um colaborador, entre eles homens e mulheres, representam apenas 2%.

O gráfico 5, que mostra como o fator gênero se comporta em cada *subcorpus* desta pesquisa, deixa ainda mais claro que as mulheres são a maioria quando se trata do emprego do

item *empoderamento*. Isso é ainda mais evidente nos recortes temporais S1 (2003 a 2013) e S3 (2019 a 2021), períodos em que os usos do item pelas mulheres é ainda maior.

Uma reflexão importante faz-se necessária neste ponto: parece haver uma resistência em se considerar que esse neologismo tenha sido criado por uma mulher. Primeiramente, tem sido recorrente a atribuição da criação da forma portuguesa *empoderamento* ao educador Paulo Freire, embora a sua própria esposa diga que se trata de forma cujo conceito é estranho às ideias dele (FREIRE, 2014). Em segundo lugar, essa forma sempre foi mais frequente em usos feitos por enunciador do gênero feminino em OGL. Convém lembrar aqui que existe grande probabilidade de que a criação desse neologismo seja atribuível a uma mulher (cf. discussão na seção 7.1).

7.2.3.2 Ocupação

No conjunto dos dados, a ocupação foi distribuída desta maneira (**J** = Jornalista; **O** = Outras ocupações; **NI** = Não Identificado):

Tabela 8 - Ocorrências de *empoderamento* por ocupação do enunciador em OGL

	Números absolutos (n)				Números relativos (%)			
	J	O	NI	Total	J	O	NI	Total
2003	1	0	0	1	100	0	0	100
2004	2	1	0	3	67	33	0	100
2005	2	2	0	4	50	50	0	100
2006	0	1	0	1	0	100	0	100
2007	1	0	0	1	100	0	0	100
2008	0	1	0	1	0	100	0	100
2009	1	3	0	4	25	75	0	100
2010	1	3	1	5	20	60	20	100
2011	3	5	2	10	30	50	20	100
2012	7	9	1	17	41	53	6	100
2013	2	6	1	9	22	67	11	100
2014	7	15	0	22	32	68	0	100
2015	13	21	1	35	37	60	3	100
2016	63	42	7	112	56	38	6	100
2017	129	41	6	176	73	23	3	100
2018	106	63	8	177	60	36	5	100
2019	85	24	12	121	70	20	10	100
2020	52	19	7	78	67	24	9	100
2021	35	17	5	57	61	30	9	100
Total	510	273	51	834	61	33	6	100

Gráfico 6 - Ocorrências de *empoderamento* por ocupação do enunciador em OGL

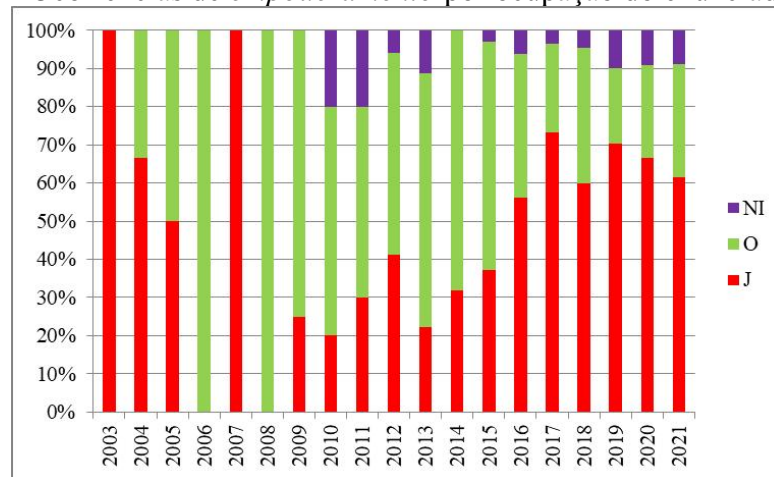


Gráfico 7 - Ocorrências de *empoderamento* por ocupação do enunciador em OGL: dados apenas de jornalista e de outras ocupações

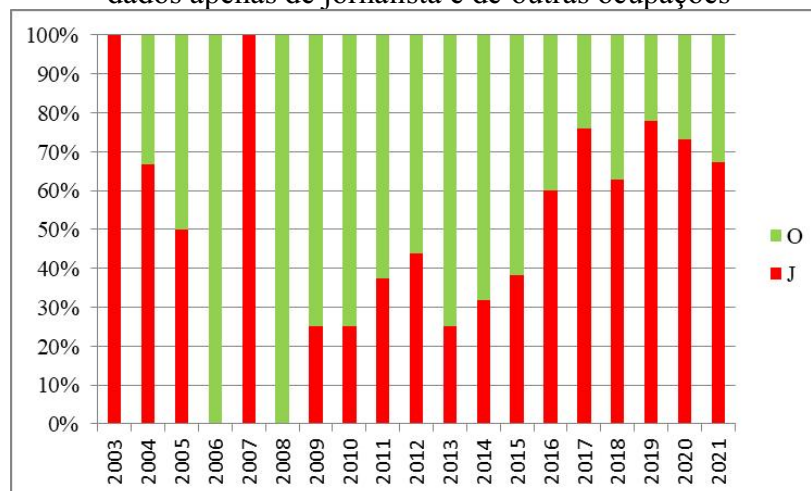
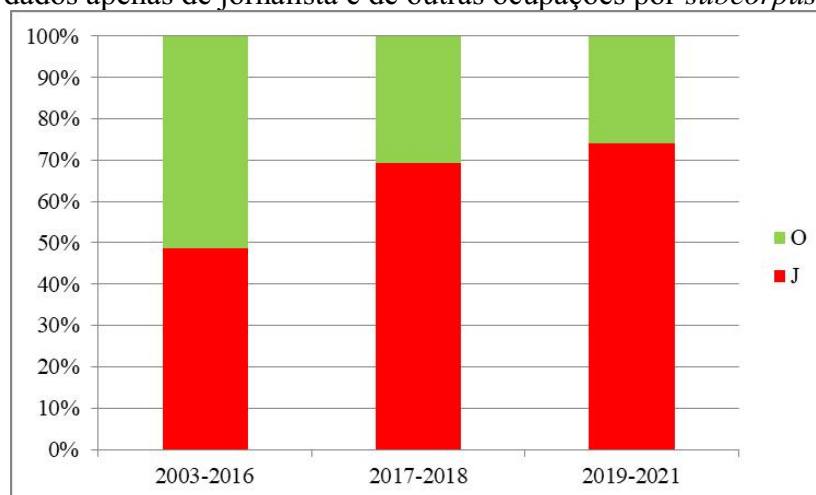


Gráfico 8 - Ocorrências de *empoderamento* por ocupação do enunciador em OGL: dados apenas de jornalista e de outras ocupações por *subcorpus*



Analisando a tabela 8, nota-se que os jornalistas são a grande maioria quando se trata do emprego do item lexical aqui estudado. Essa ocupação representa 61% do total dos dados obtidos e as outras profissões identificadas somam 33%. Dentro dessa segunda porcentagem, apareceram diversas ocupações, como médicos, advogados, sociólogos, empresários, antropólogos, atores, escritores, etc. Era esperado que, de fato, houvesse prevalência da ocupação jornalista, uma vez que o *corpus* deste trabalho advém de um jornal, que tem sua equipe formada majoritariamente por profissionais da comunicação.

No que concerne ao gráfico 7, em que também se separam os dados coletados por *subcorpus*, fica evidente o fato de os jornalistas não serem, inicialmente, os principais utilizadores do item *empoderamento*. Entretanto, com o passar dos anos, nos recortes temporais S2 e S3, eles assumem a liderança de uso vocábulo em questão, passando a adotá-lo com mais intensidade. Esse fenômeno é interessante, pois pode ser um indício de que tais profissionais tiveram um papel importante na popularização do vocábulo, embora eles próprios mostrassem mais resistência na fase inicial.

7.2.3.3 Editoria

Quanto ao conjunto de editorias de OGL em que o vocábulo *empoderamento* se fez presente, há o seguinte:

Tabela 9 - Ocorrências de *empoderamento* por editora em OGL: ordenadas por primeira ocorrência na editoria

	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	Total
1 Prosa e Verso	1										1		1							3
2 Segunda Página		2			1								3	1	3	3				13
2 [Sem editoria]		1							1											2
3 Razão Social			1				1		1	3										6
3 Revista O Globo			3									1	3	10	4					21
4 Opinião				1		1	1	2	3	2	2	8	3	6	13	8	9	2	1	62
5 Economia							1	1	1	5	1	2	3	6	7	6	7	4	2	46
5 Segundo Caderno							1	1		1	1	5	9	32	41	65	21	9	11	197
6 Jornais de Bairro								1							22	19	25	20	9	96
7 Ciência									1	4										5
7 O País									3	2	1	3	2	7	8	5	3	7	1	42
8 Marketing											1									1
8 O Mundo											2		2	4	5	4	10		2	29
9 Ela												1	2	9	5					17
9 Sociedade												2	4	3	5	5	8	2		29
10 Revista da TV													1							1
10 Esportes													2	9		3	5	3	1	23
11 Primeira Página														1	2	4		2		9
11 Comercial														1		1				2
11 Rio Show														8	12	7	2	2		31
11 Rio														15	26	21	5	7		74
12 Niterói															1					1
12 Boa Chance															10	4	2			16
12 Revista Ela															12	21	23	20	13	89
13 Negócios e Leilões																1				1
14 Caderno Especial																	1		1	2
15 Primeiro Caderno																			16	16
Total	1	2	5	1	1	1	4	5	10	17	9	22	35	112	176	177	121	78	57	834
Número de editorias	1	2	2	1	1	2	4	4	6	6	7	7	12	14	16	16	13	11	10	

Tabela 10 - Ocorrências de *empoderamento* por editora em OGL: ordenadas por frequência total na editoria

	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	Total
1 Segundo Caderno							1	1		1	1	5	9	32	41	65	21	9	11	197
2 Jornais de Bairro								1							22	19	25	20	9	96
3 Revista Ela															12	21	23	20	13	89
4 Rio														15	26	21	5	7		74
5 Opinião				1		1	1	2	3	2	2	8	3	6	13	8	9	2	1	62
6 Economia							1	1	1	5	1	2	3	6	7	6	7	4	2	46
7 O País									3	2	1	3	2	7	8	5	3	7	1	42
8 Rio Show														8	12	7	2	2		31
9 O Mundo											2		2	4	5	4	10		2	29
10 Sociedade												2	4	3	5	5	8	2		29
11 Esportes													2	9		3	5	3	1	23
12 Revista O Globo			3									1	3	10	4					21
13 Ela												1	2	9	5					17
14 Boa Chance															10	4	2			16
15 Primeiro Caderno																			16	16
16 Segunda Página		2			1								3	1	3	3				13
17 Primeira Página														1	2	4		2		9
18 Razão Social			1				1		1	3										6
19 Ciência									1	4										5
20 Prosa e Verso	1										1		1							3
21 [Sem editoria]		1							1											2
22 Comercial														1		1				2
23 Caderno Especial																	1		1	2
24 Marketing										1										1
25 Revista da TV													1							1
26 Niterói															1					1
27 Negócios e Leilões																1				1
Total	1	2	5	1	1	1	4	5	10	17	9	22	35	112	176	177	121	78	57	834
Número de editorias	1	2	2	1	1	2	4	4	6	6	7	7	12	14	16	16	13	11	10	

Duas constatações podem ser feitas a partir da análise da compilação dos dados de editoria. A primeira delas é que, com o passar dos anos, houve uma expansão considerável no número de suas editorias em que o item lexical *empoderamento* ocorreu. A segunda é que em certas editorias houve maior prevalência de aparecimento do item lexical *empoderamento*, é o que acontece com *Segundo Caderno*, *Jornais de Bairro* e *Revista Ela*. Em OGL, a seção denominada *Segundo Caderno* trata de assuntos sobre cultura, abordando novidades da televisão, do teatro e do cinema, e mostrando a opinião de críticos sobre esses segmentos. Já na parte dos *Jornais de Bairro*, encontram-se notícias específicas de bairros da cidade do Rio de Janeiro, como Botafogo, Copacabana, Ipanema, Barra da Tijuca, etc., ou de cidade-vizinha, como *Niterói*. Já a *Revista Ela* é uma publicação voltada para o público feminino do jornal, à semelhança de publicações como *Marie Claire* e *Cláudia*.

É interessante destacar que, no caso da *Revista Ela*, o vocábulo pesquisado neste estudo é comumente acompanhado do item lexical *feminino*, formando-se a expressão *empoderamento feminino*. Tal fato é compreensível e justificável, posto que a seção se dirige às mulheres, tratando de comportamento e de tendências consideradas relevantes para as leitoras do jornal.

7.2.4 O antineologismo relativo a *empoderamento* em OGL

A primeira manifestação de antineologismo contra *empoderamento* já aparece no terceiro texto mais antigo do *corpus*, em 2004, de autoria da jornalista Tereza Cruvinel:

Na falta de novidades, muito frufu sobre o *empoderamento* (palavra estranha mas ainda única para designar a aquisição de poder) do ministro José Dirceu a partir da presidência da nova Câmara de Desenvolvimento Económico. Diz-se que agora ele representará um "contraponto" à política de Palocci. (OGL, 22 de julho de 2004, Segunda Página, p. 2, itálico nosso)

Tal atitude negativa é reiterada pelo *ombudsman* do jornal, o jornalista Luiz Garcia, logo na edição seguinte:

AUTOCRÍTICA

Na página 2 de ontem: "... sobre o *empoderamento*..." Palavra inexistente. Quando o termo não existe, não se usa. O certo, como a própria coluna reconhece, seria "aquisição de poder". (OGL, 23 de julho de 2004, Segunda Página, p. 2, itálico nosso)

A explicação para a rejeição pelo *ombudsman* é simplesmente sem sentido: se a jornalista usou a palavra no dia anterior, obviamente a palavra existia. Ademais, como já se comentou na seção 7.1 desta dissertação, o registro mais antigo de *empoderamento* que foi possível documentar até o momento data de setembro de 1992, ou seja, a palavra já tinha despontado no léxico da língua portuguesa há, pelo menos, 12 anos. Nem se trata, portanto, de criação da referida jornalista em 2004.

Além dessa clara situação de ocorrência de antineologismo, há diversos outros exemplos no *corpus*. Tendo sido contabilizadas as ocorrências em que *empoderamento* aparece vinculado a atitude negativa, encontrou-se a seguinte distribuição no *corpus* por ano: 2004, 2; 2014, 5; 2015, 3; 2016, 5, 2017, 11; 2018, 11; e 2019, 2. Vê-se, portanto, que as ocorrências mais frequentes se deram no S2 (2017-2018). Entretanto, como S2 é a faixa temporal com mais ocorrências do item lexical em questão, é necessário avaliar os números de forma relativa:

Tabela 11 – Ocorrências de *empoderamento* vinculadas a atitude negativa

<i>Subcorpus</i>	Ano	(n) geral	(n) negativo	Valor relativo
S1	2003-2016	225	15	6,7%
S2	2017-2018	353	22	6,2%
S3	2019-2021	256	2	0,8%
Total		834	39	4,7%

Os dados da tabela 11 permitem ver três aspectos: (a) em S1, tem-se o maior relativo de atitude negativa (6,7%), o que deve estar relacionado ao fato de neologismos poderem apresentar resistência para serem integrados ao léxico de forma geral em sua fase inicial; (b) em S2, tem um índice um pouco menor (6,2%), mas em uma faixa temporal bem curta (2 anos), o que mostra ter se tornado uma questão bastante saliente do ponto de vista social; e (c) em S3, há uma queda abrupta, talvez porque tenha havido um descolamento do contexto da cassação do mandato de Dilma Rousseff, que seria o grande motivador para atitude negativa em relação ao item lexical na fase anterior (atitude que metonimicamente se referiria à ampliação dos espaços ocupados pela mulher durante sua presença na presidência).

Um dos textos com atitude negativa, especificamente de autoria do jornalista Joaquim Ferreira dos Santos, com data de 02 de junho de 2014, chama atenção pelo fato de o autor demonstrar repúdio não só quanto ao uso do item *empoderamento*, mas também por explicitar opiniões repletas de purismo linguístico e até mesmo de machismo. Para entender o contexto, e perceber os diversos preconceitos presentes, é necessário ler o artigo “Você está empoderado?” na íntegra:

Quando a mulher se disse incluída no processo moderno de "*empoderamento*" de toda a sua geração feminina, a primeira sensação foi de que a crise de labirintite iria me atacar de novo. Tonteei. Achei que a convulsão logo me seria inerente e a chegada da indesejada das gentes, definitiva.

As fichas armazenadas no cerebelo desabavam vertiginosamente à procura do sentido daquele "empoderamento" e — por que me deixaste, Aurélio? — não vinha de lá qualquer sentido. Zonzo, senti como se fosse emular uma Teresinha de Jesus. Estava prestes a fazer como a moça da ciranda e, que vexame!, quanta sensibilidade auditiva!, ir ao chão.

Eu precisava me apoiar rápido numa parede qualquer, de preferência a construída com os tijolos sólidos do bom vernáculo, e entender do que se tratava. O preconceito fez com que de início, dita por uma mulher, eu julgasse a palavra ligada à cosmetologia. Pó de arroz, por aí. Mas tratava-se de dama moderna demais para tamanho passadismo frufu.

Fui salvo pela tecla SAP recentemente instalado no pulso esquerdo. O aplicativo enviou o inglês do "empowerment" para a tela dos meus óculos Google — e fez-se a luz. Desta vez não era Jesus, mas a tradução simultânea.

A mulher era mais uma vítima dos paralelepípedos atirados, de preferência assim, cheios de silabação interminável, nas reuniões de Administração. Seu "empoderamento" afetado significava, no mundo dos escritórios e da reengenharia funcional, algo como "assumir autoridade, delegar poder"! Na nossa conversa de rua, ela o empregava como se fosse uma Anitta culta, uma mulher no comando do Show das Poderosas. No bom português de boca, ela teria dito "fodona" mas ficou com vergonha de ser gente como a gente — e atacou como neologismo bárbaro.

Não a desmenti. Acionei a tecla F. Fingi ficar frio. Sem fúria, fiz frente ao fricote. Fui.

Essas expressões prenhes de suposta sofisticação aparecem de vez em quando. Lá se vão muitas Copas desde que surgiu a abominável "a nível de"! Não queria dizer nada, era só pelanca no texto, mas aparentava carregar uma trivela semântica cheia de efeito intelectual, como se adquirida pelo locutor numa Academia de Letras. Como tem sempre alguém atrás de um brinco para adornar a língua, a-nível-de-aporrinhação ficou anos em cartaz.

Somos excessivos. Fomos educados no deleite dos rococós dos santos barrocos baianos, vibramos no carnaval com as fantasias do Evandro Castro Lima. No futebol, estamos cada vez mais cheios de toquinhos na bola até chegar ao gol. Objetividade por aqui é coisa feia, revela frieza de caráter: Secura emocional.

Achamos que quanto mais firula, melhor, e na hora de nos comunicar enchemos a língua de expressões inúteis, todas com lacinhos, bordados e volutas. A minha preferida, quando quero impressionar uma dessas moças estranhas que ao homem sarado prefere o letrado, é encher a boca com o ribombar de um "outrossim". Seu Rolando Lero fazia o mesmo na Escolinha e atacava com um "Digníssimo mestre". *That's* Brasil. Zero em conteúdo, dez em prosopopeia.

É praga nossa, como o desvio de verba e os estádios da Fifa. Ninguém quer palavras curtas e simples. Coisa de pobre. Admiramos o falar difícil. Achamos que informa sobre ascensão social. De tempos em tempos, renovamos esse tique nervoso na ânsia louca de, ignorantes, cada vez menos lidos, parecermos sérios. A polaina na garganta é o novo preto. Já estivemos nos salões usando o babaquismo do "enquanto homem sensível".

Semana passada, eu tropecei num senhor vetusto que queria ser moderno sem precisar montar num skate. Ele preferia a praticidade de um clichê pedante da moda. E me disse estar querendo sair, aos 65 anos, da "zona de conforto" Dei força. Vai fundo.

O usuário do clichê quer demonstrar sensibilidade à flor da fala. Ele é capaz de enfrentar o calor senegalesco, de rachar catedrais, pelo prazer atual de transformar tudo em "disponibilizar", "fidelizar" e "customizar". De vez em quando, a frase feita também se cansa do assaz tantas vezes dito e muda, sempre de acordo com a tábua rasa das marés linguísticas. Transforma-se, confirmando-se uma eterna caixinha de surpresas. Já foi "a voz rouca das ruas" lembra? Como o biquíni, o clichê se repagina. Adentra as quatro linhas para dizer que nenhum verão é igual àquele que passou.

Enfim, vem a noite alta. Um cachorro uiva para a lua.

Quando se ouvem os passos dessa horrenda literatura, não tenha dúvida. É ele, o clichê, o senhor dos anéis e dos vícios linguísticos, quem assombra.

Uma senhora, que acabou de ver os quadros da bela exposição de Richard Serra, evitou me dizer que lhe lembravam gravuras de Amílcar de Castro. Ela preferiu simular empoderamento artístico. Disse-me que as obras do americano "remetiam" ao trabalho do brasileiro.

Fui de novo à tecla F. Fiz-me frio. Fingi sorriso sincero pelo "remetiam" como se dissesse, agradecido: obrigado, senhora, por me agregar valor. (OGL, 02 de junho de 2014, Segundo Caderno, p. 8; *italico* nosso)

Já a jornalista Ana Cristina Reis, em 15 de agosto de 2015, afirma que a palavra *empoderamento* é associada ao sentimento de antipatia:

Quais palavras hoje suscitariam antipatia? Perguntei a amigos e parentes. Um deles quis mais informação ("Quais seriam os critérios para a implicância? Semântica? Sonoridade? Uso preconceituoso?"); os outros responderam de supetão. A seleção é curiosa: Capote, sombrinha, pegar cedo (no trabalho). Pochete ou capanga. "Não sei o que é pior — a palavra ou o acessório". Raspagem. Sovaco. Bom descanso (saindo do trabalho). *Empoderamento*. (OGL, 15 de agosto de 2015, Ela, p. 2, itálico nosso)

Em 2016, a escritora Martha Medeiros, colunista de OGL, caracteriza o item lexical como “palavrinha detestável”:

Estamos em plena revolução feminista parte 2. Depois de inúmeras conquistas resultantes do surgimento da pílula anticoncepcional e da nossa entrada no mercado de trabalho, pausamos, recarregamos as baterias e agora voltamos à luta, rebatizada de *empoderamento* e direcionada, principalmente, à violência contra a mulher. Acho *empoderamento* uma palavrinha detestável: é por causa da atração pelo poder que o Brasil está metido em encrenca e vive no atraso. (OGL, 03 de julho de 2016, Revista O Globo, p. 10, itálico nosso)

Medeiros parece definitivamente não gostar do vocábulo *empoderamento* e, em 2019, volta a classificá-lo negativamente, mas como uma “palavra feiosa”:

Minha primeira crônica para jornal foi publicada em julho de 1994. Naquela época, havia uma onda esquisita no ar: o retorno da virgindade como valor. Jovens atrizes declaravam que iriam se guardar para o casamento, etc, etc. Achei retrô demais e escrevi a respeito. Era uma tendência unissex? Não, né? Então que parassem com a bobajada. Ninguém me conhecia, mas meia-dúzia de leitores prestou atenção em meu atrevimento e assim iniciei minha carreira como colunista. De lá pra cá, as mulheres não só mantiveram sua liberdade sexual como deram novo impulso ao movimento feminista a fim de denunciar o assédio, a violência doméstica e o feminicídio, palavra feiosa que entrou no dicionário, assim como *empoderamento* — adeus, mundo cor-de-rosa. (OGL, 05 de maio de 2019, Revista Ela, p. 24, itálico nosso)

Há ainda reportagens em que o item lexical é designado como um modismo, ou seja, uma palavra que está na moda. É o que ocorre no artigo do jornalista Ricardo Noblat, de 2017:

Spoiler não é uma das palavras da moda, junto, por exemplo, com *empoderamento*? Por empoderado, acabei de cometer um spoiler ao antecipar o desfecho do caso da segunda denúncia de corrupção contra Temer. (OGL, 11 de outubro de 2017, O País, p. 3, itálico nosso)

A jornalista Flávia Oliveira também manifesta sua opinião quanto ao uso da palavra em 2018, adjetivando-a como “horrorosa”:

No princípio, era Dona Ivone Lara. O Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa define como pioneira aquela que "vai adiante, anuncia algo de novo ou se antecipa". Dona Ivone foi dessas. Materializou o empoderamento feminino quando a expressão (horrorosa, por sinal) sequer existia. Sonho dela. (OGL, 18 de abril de 2018, Segundo Caderno, p. 1)

Todos esses exemplos mostram que o antineologismo em relação ao item lexical *empoderamento* é real e está presente no *corpus* desta pesquisa. Como dito nas seções anteriores, o antineologismo vai além do purismo linguístico e da aversão quanto ao uso de estrangeirismos, estando intrinsicamente ligado a uma rejeição do conceito progressista representado pelo item lexical em questão.

8 Considerações finais

O presente estudo teve como objetivo estudar o comportamento linguístico do item lexical *empoderamento* no jornal *O Globo*. Foram avaliadas quatro hipóteses, as quais foram efetivamente confirmadas.

A *primeira hipótese* era a de que o percurso histórico do neologismo *empoderamento* estaria relacionado a transformações sociais: os padrões de frequência desse neologismo no jornal *O Globo* apresentaram grande compatibilidade com certas transformações sociais no Brasil ao longo das duas primeiras décadas deste século, em especial, os eventos da chegada ao poder da então presidenta Dilma Rousseff em 2010 (a partir de quando a frequência de *empoderamento* começou a crescer de forma mais evidente), da cassação do seu mandato em 2016 (a partir de quando houve um aumento abrupto na frequência do item em questão) e da eleição do presidente Bolsonaro em 2018 (a partir de quando houve uma queda abrupta na frequência do item estudado). Não se deve considerar que apenas esses eventos contribuíram para o referido comportamento do item *empoderamento*, já que se trata de um item que representa tema em discussão desde a 2ª metade do século XX, mas certamente os referidos eventos tiveram um impacto importante. Além disso, a referência à ex-presidenta Dilma ocorre em apenas uma parcela dos textos do *corpus*, o que significa que, mesmo não havendo referência direta a ela em cada texto, sua trajetória contribuiu para a tematização da questão.

A *segunda hipótese* era a de que o percurso histórico do neologismo *empoderamento* teria sido influenciado por fatores sociolinguísticos como gênero, ocupação e tipo de editoria no jornal *O Globo*. No que se refere a *gênero*, verificou-se que o item *empoderamento* sempre foi usado predominantemente por mulheres, o que é compatível com o fato de o conceito expresso por *empoderamento* ter estado fortemente vinculado à questão do gênero feminino (a expressão *empoderamento feminino* é a mais frequente de forma absoluta no *corpus*). No que tange a *ocupação*, constatou-se que houve uma mudança gradual, pois, em um primeiro momento (2003-2016), a forma foi usada predominantemente por pessoas com ocupação diferente da de jornalista, mas, nos dois momentos seguintes (2017-2018 e 2019-2021), esse

item passou a ser usado mais frequentemente por jornalistas. Isso evidencia que a mídia teve um comportamento conservador na origem, resistindo à adoção desse item lexical, que eventualmente foi usado acompanhado de uma atitude negativa. No que se refere a *editoria*, verificou-se que o item apareceu primeiro em editorias de tema mais descontraído (*Prosa e Verso*), mas depois se ampliou sensivelmente o espectro de editoria com presença dessa palavra. De forma geral, foi também em editoria de tema mais descontraído (*Segundo Caderno, Jornais de Barro e Revista Ela*) que o item se mostrou mais produtivo, considerando-se o conjunto dos dados. Em termos de dispersão temporal, no entanto, foi na editoria de *Opinião* que o item se mostrou mais constante, estando presente por 15 anos em uma faixa de tempo máxima de 18 anos: esse aspecto é compatível com a questão de ter havido um uso frequente por enunciadores com ocupação diferente da de jornalista, já que os autores dos textos da editoria de *Opinião* geralmente não eram jornalistas.

A *terceira hipótese* era a de que o antineologismo em relação ao item lexical *empoderamento* constatado em textos das redes sociais também deveria se manifestar em textos do jornal *O Globo*: verificou-se que, já no terceiro texto mais antigo com esse item no referido periódico, datado de 22 de julho de 2004, houve expressão de antineologismo, tendo a palavra em questão sido adjetivada de *estranha*. Outras manifestações de mesma natureza foram constatadas ao longo de um período de mais quinze anos (de 2004 a 2019), tendo diminuído com o passar do tempo.

A *quarta hipótese* era a de que, confirmada a presença do antineologismo, ele deveria estar relacionado a questões de natureza ideológica: de forma geral, as manifestações de antineologismo constatadas não apresentaram qualquer referência a aspectos estruturais específicos da palavra, razão pela qual se considerou que a atitude negativa estava relacionada ao conceito vinculado a esse item lexical. O fato de a atitude negativa estar presente em textos que tematizavam a questão com referência a aspectos políticos evidenciou que essa atitude é efetivamente de natureza ideológica.

O presente estudo do item lexical *empoderamento* buscou também ampliar o conhecimento de sua história para além do *corpus* de referência (jornal *O Globo*) e foi possível apurar que a forma inglesa *empowerment*, embora já fosse atestada desde o séc. XVIII, teria apresentado seu conceito atual desde, pelo menos, a década de 1970 (tomando-se como referência a publicação, em 1976, da obra *Black Empowerment: Social Work in Oppressed Communities* de Barbara Solomon). Já a forma portuguesa *empoderamento* teve como registro escrito datado mais antigo encontrado o verificado na tradução portuguesa, publicada em setembro de 1992, do manifesto *Call for a New Approach* do *Committee on Women, Population*

and the Environment, divulgado igualmente no ano de 1992. Não se encontrou evidência formal de que se trate de um neologismo criado pelo educador Paulo Freire (embora essa hipótese seja frequentemente referida), sobretudo por ele ter preferido o uso da forma inglesa *empowerment* nas duas principais obras em que discute a questão (*Medo e Ousadia: o Cotidiano do Professor*, de 1986, e *Alfabetização: Leitura do Mundo, Leitura da Palavra*, 1990), e por o conceito vinculado a *empowerment* ser nitidamente distinto das ideias do referido educador.

Por fim, deve-se salientar que se verificou que a questão da história do item lexical *empoderamento* é bastante complexa, abrindo, assim, espaço para novas incursões, tendo como tema questões como os diferentes conceitos vinculados aos itens *empowerment* e *empoderamento* em textos em língua portuguesa ao longo do tempo, a relação entre a história do substantivo *empoderamento* e a de seus cognatos (como o verbo *empoderar* e os adjetivos *empoderado/empoderada*), o comportamento linguístico de *empoderamento* em outros periódicos (em especial, publicados em diferentes estados brasileiros), dentre outros.

Referências

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Antineologismo. In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Vocabulário ortográfico da língua portuguesa**. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>. Acesso em: 30 ago. 2022.

ALVES, Ieda Maria. **Neologismo: criação lexical**. São Paulo: Ática, 1990. [3. ed., 2007]

ARBEX, Thais; BILENK, Thais. Ministério de Temer deve ser o primeiro sem mulheres desde Geisel. **Folha de São Paulo**, São Paulo, Caderno Poder, 12 de maio de 2016. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/05/1770420-ministeriado-de-temer-deve-ser-o-primeiro-sem-mulheres-desde-geisel.shtml>. Acesso em: 30 ago. 2022.

BARBOSA, M. A. **Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia, identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação**. In: Anais do II Simpósio Latino-Americano de Terminologia. I Encontro Brasileiro de Terminologia Técnico-Científica. Brasília, 1990. p. 152-158.

BIDERMAN, M. T. **Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BYHAM, William C. **Zapp!: o poder da energização: como melhorar a qualidade e a produtividade e a satisfação de seus funcionários**. Rio de Janeiro: Campus, 1992. [Trad. de: BYHAM, William C.; COX, Jeff. **Zapp!: the lightning of empowerment: how to improve productivity, quality, and employee satisfaction**. New York : Harmony Books, 1990].

CAMBRAIA, César Nardelli. Da lexicologia social à lexicologia sócio-histórica: possíveis caminhos. **Revista Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 157-188, 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.21.1.157-188>.

CAMBRAIA, César Nardelli. Antineologismo. **Revista de Estudos de Cultura**, São Cristóvão, v. 3, p. 65-74, 2015. DOI: <https://doi.org/10.32748/revec.v0i03.4775>.

CAMBRAIA, César Nardelli. **Um estudo de caso de lexicologia sócio-histórica: competição lexical na história da língua portuguesa**. 2020. 78 f. Relatório Final (Estágio Pós-Doutoral em Léxico e Terminologia) — Brasília, Universidade de Brasília, 2020.

CARVALHO, Nelly. **O que é neologismo?** 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CHAGAS, Cíntia. A palavra *empoderamento* não sai mais da boca das pessoas. **Jornal Estado de Minas**, Belo Horizonte. Disponível em: https://www.em.com.br/app/colunistas/cintiachagas/2020/01/13/interna_cintia_chagas,1113812/a-palavra-empoderada-nao-sai-mais-da-boca-das-pessoas.shtml. Acesso em: 18 jan. 2020.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Org.). **História das mulheres no ocidente: a antiguidade**. Porto: Afrontamento, 1990. v. 1.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Org.). **História das mulheres no ocidente: a idade média**. Porto: Afrontamento, 1990. v. 2.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Org.). **História das mulheres no ocidente**: do renascimento à idade moderna. Porto: Afrontamento, 1990. v. 3.

ECOS da Eco. **Presença da Mulher**, São Paulo, ano IV, n. 23, p. 39-40, set. 1992.

EMPODERAMENTO. *In*: DICIONÁRIO Aurélio da Língua Portuguesa. São Paulo: Companhia Brasileira de Educação e Sistemas de Ensino S.A, 2019. Acesso em: 30 ago. 2022.

EMPODERAMENTO. *In*: DICIONÁRIO Houaiss da Língua Portuguesa. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v5-4/html/index.php#2. Acesso em: 30 ago. 2022.

EMPODERAMENTO. *In*: DICIONÁRIO Michaelis. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portuguesbrasileiro/empoderamento/>. Acesso em: 30 ago. 2022.

EMPOWERMENT. *In*: MERRIAM-WEBSTER.COM Dictionary, Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/empowerment>. Acesso em: 30 ago. 2022.

EMPOWERMENT. *In*: ONLINE Etymology Dictionary. Disponível em: https://www.etymonline.com/word/empowerment#etymonline_v_50316. Acesso em: 30 ago. 2022.

FAGUNDEZ, Ingrid. 'Empoderamento feminino' é clichê constrangedor, diz Washington Olivetto. **BBC News Brasil**, 24 de julho de 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-40664072>. Acesso em: 30 ago. 2022.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. Tradução de Adriana Lopez. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, Paulo. MACEDO, Donaldo. **Literacy**: reading the word and the world. Westport: Bergin & Garvey, 1987.

FREIRE, Paulo. MACEDO, Donaldo. **Alfabetização**: leitura do mundo, leitura da palavra. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. Org. e notas de Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: Ed. da UNESP, 2001. [2. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014]

FREITAS, Ana. A origem do conceito de empoderamento, a palavra da vez. **Nexo Jornal**, São Paulo, 2017. (Publicado em 06 de outubro de 2016 e atualizado em 26 de julho de 2017). Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/10/06/A-origem-do-conceito-de-empoderamento-a-palavra-da-vez>. Acesso em: 11 jan. 2021.

FREITAS, André de Sousa Figueiredo; OLIVEIRA, Bárbara Vieira de; BERTOLINO, Daiane Soares; LOPES, Leopoldina Aparecida; MACHADO, Mayta Ferreira; PINTO, Vinícius Ramede de Paula; CAMBRAIA, César Nardelli. De 'toxicomania' a 'dependência química': uma análise na perspectiva da lexicologia sócio-histórica. **LaborHistórico**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, p. 367-396, 2020. DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v6i3.31526>.

GEVEHR, Daniel Luciano; SOUZA, Vera Lúcia de. As mulheres e a igreja na Idade Média: misoginia, demonização e caça às bruxas. **Revista Acadêmica Licência&acturas**, Ivoti, v. 2, n. 1, p. 113-121, 2014. Disponível em: <http://www.ieduc.org.br/ojs/index.php/licenciaeacturas/article/view/38>. Acesso em: 30 ago. 2022.

GUARESCHI, Pedrinho. Empoderamento. *In*: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Org). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed., rev. amp. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

HARTMANN, Betsy. **Reproductive rights and wrongs: the global politics of population control**. Boston: South End Press, 1995.

KLEBA, Maria Elisabeth; WENDAUSEN, Agueda. Empoderamento: processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 18, n. 14, p. 733-743, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/pnCDbh88LDqWwDTx9pGK39h/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 30 ago. 2022.

MAGALHÃES, Suzana Paula de Oliveira. **A mulher do renascimento inglês segundo a escolástica e a tradição medieval**. 2009. 176 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Ingleses). – Lisboa, Universidade Aberta, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.2/1374>. Acesso em: 30 ago. 2022.

MATORÉ, Georges. **La méthode em lexicologie: domaine français**. Paris: Didier, 1953. [2. ed., 1973]

ORSI, Vivian. Lexicologia: o que há por trás do estudo das palavras? *In*: GONÇALVES, Adair Vieira; GÓIS, Marcos Lúcio de Sousa. (Org.). **Ciências da linguagem: o fazer científico?** Campinas: Mercado de Letras, 2012. V. 1, p. 163-178.

PRIORE, Mary Del Priore (Org.); BASSANEZI, Carla (Coord. de textos). **História das mulheres no Brasil**. 9. ed., 1. reimpr.. São Paulo: Contexto, 2008.

PERKINS, Douglas D. Empowerment. *In*: COUTO, Richard A. (Ed.). **Political and civic leadership: a reference handbook**. Thousand Oaks, CA: Sage, 2010. p. 207-218.

RACHEWSKY, Roberto. Empoderamento: o conceito que a esquerda tornou indigesto. **Objetivismo**, 16 de maio de 2018. Disponível em: <https://objetivismo.com.br/artigo/empoderamento-o-conceito-que-a-esquerda-tornou-indigesto>. Acesso em: 30 ago. 2022.

RAPPAPORT, Julian. In praise of paradox: a social policy of empowerment over prevention. **American Journal of Community Psychology**, v. 9, n. 1, p. 1-25 1981.

RIBEIRO, Davi Pereira da Silva. **Léxico do discurso político: um estudo comparado no contexto das sessões de impeachment (1992 x 2016)**. 2020. 367 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) — Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/34023>. Acesso em: 30 ago. 2022.

RIBEIRO, Milton. **Além de feia, a palavra “empoderamento” é confusa**. 23 de janeiro de 2014. Disponível em: <https://miltonribeiro.ars.blog.br/2014/01/23/alem-de-feia-a-palavra-empoderamento-e-confusa>. Acesso em: 30 ago. 2022.

SHOR, Ira; FREIRE, Paulo. **A pedagogy for liberation: dialogues on transforming education**. Westport: Bergin & Garvey, 1987.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **As mulheres e a história: uma introdução teórico metodológica**. Dourados: Ed. UFGD, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/1046>. Acesso em: 30 ago. 2022.

THE CHARTERS and General Laws of the Colony and Province of Massachusetts Bay Carefully Collected from the Publick Records and Ancient Printed Books. To which is Added an Appendix, Tending to Explain the Spirit, Progress and History of the Jurisprudence of the State; Especially in a Moral and Political View. Published by Order of the General Court. Boston: T. E. Wait and Co, 1814. Disponível em: <https://books.google.com/books?id=sBswAAAAYAAJ>. Acesso em: 30 ago. 2022.

TRACY, Diane. **10 passos para o empowerment: um guia sensato para a gestão de pessoas**. Rio de Janeiro: Campus, 1994. [Trad. de: **10 steps to empowerment : a common-sense guide to managing people**. New York : Quill/William Morrow, 1992]

Anexos

Anexo 1¹⁹

ECOS da Eco

O "Comitê sobre Mulheres, População e Meio Ambiente" coordenado por Norma Swenson, feminista americana, vem fazendo circular em todo o mundo, o documento "Mulher, População e Meio Ambiente: apelo para uma nova abordagem", que faz frente à paranóia antinatalista que se criou em torno da ECO/92. O documento já é assinado por mulheres de países como Chile, Trinidad, Barbados, Estados Unidos, Sri Lanka, Peru, Bermudas, Granada, Guianas, Nigéria, Índia, Áustria, Brasil, Egito, Canadá. Diante da postura avançada e impulsionadora do documento, consideramos importante, como signatárias dele, divulgá-lo e contribuir na unificação da luta das mulheres em todo o mundo, contra a opressão.

Constituímos uma aliança de mulheres engajadas, lideranças comunitárias, trabalhadoras da saúde e pesquisadoras de diversas raças, culturas e países de origem. Dentro de nossas habilidades específicas, estamos trabalhando para contribuir no processo de "empoderamento" das mulheres, tendo como uma de nossas bandeiras a liberdade reprodutiva. Nossa ação é contra a pobreza, a desigualdade, o racismo e a degradação do meio ambiente. Convidamos vocês a apoiar-se nos assinando e divulgando a declaração seguinte:

Mulheres, População e o meio ambiente: Apelo para uma nova abordagem

Nós, abaixo-assinadas, estamos preocupadas com declarações e análises recentes que elegem o tamanho e o crescimento da população como sendo uma das causas primeiras da degradação global do meio ambiente. Acreditamos que as principais causas da degradação global do meio são:

- Sistemas econômicos que, sem ter uma visão de futuro, exploram e fazem mau uso da natureza e das pessoas na procura de ganhos a curto prazo.
- A condução de guerras e produção de armamentos que desviam recursos da satisfação de necessidades humanas, envenenam o meio ambiente e perpetuam a militarização da cultura, encorajando a violência contra as mulheres.
- Os modelos de consumo desproporcionais dos ricos no mundo inteiro. Atualmente, as nações industrializadas, com 22% da população consomem 70% dos recursos naturais. Dentro dos Estados Unidos, profundas desigualdades econômicas contribuem para que os pobres consumam cada vez menos e o rico cada vez mais.
- A expulsão de pequenos produtores rurais e povos indígenas por empresas agropecuárias, madeireiras, mineradoras e hidroelétricas, frequentemente com o incentivo e apoio de instituições financeiras internacionais.
- Rápida urbanização e empobrecimento resultantes da migração oriunda das áreas rurais, assim como de inadequado planejamento e alocação de recursos nas cidades.
- Tecnologias destinadas a explorar e não a restaurar os recursos naturais.

A degradação do meio ambiente deriva, portanto, de causas complexas e interrelacionadas. Variáveis demográficas podem ter um impacto sobre o meio ambiente, mas reduzir o crescimento populacional não resolverá os problemas acima citados. Em muitos países, as taxas de crescimento populacional baixaram e, no entanto, as condições ambientais continuam a piorar.

Ademais, culpar o crescimento populacional pela degradação ambiental global ajuda a estabelecer as bases para a re-emergência e intensificação de políticas e programas de cima para baixo, e orientações demográficas que faltam profundamente com o respeito para com as mulheres, particularmente mulheres de côr e suas crianças.

Nos países do sul, bem como nos Estados Unidos e outros países, os programas de planejamento familiar têm sido muitas vezes os principais veículos para a disseminação de tecnologias contraceptivas modernas. Contudo, já que muitas de suas atividades foram orientadas para o controle da população ao invés de para as necessidades das mulheres em relação à saúde reprodutiva, eles muito frequentemente, envolveram abusos na esterilização; negaram às mulheres informações completas a respeito dos riscos e efeitos colaterais dos contraceptivos; negligenciaram

¹⁹ Agradecemos à equipe do Arquivo Edgard Leuenroth da Unicamp por viabilizar o acesso a este texto em junho de 2022.

adequados acompanhamentos médicos, não esperaram pelo consentimento das mulheres e ignoraram a necessidade de oferecer um aborto seguro bem como métodos contraceptivos de barreira e masculinos.

Os programas de População têm frequentemente fomentado um clima em que a coerção é permissível e o racismo aceitável.

Dados demográficos, vindos do mundo inteiro, afirmam que melhorias na condição social, económica e de saúde das mulheres, bem como das condições de vida no geral, são muitas vezes chaves para o declínio nas taxas de crescimento populacional. Conclamamos o mundo para que reconheça o direito básico das mulheres a controlarem seus próprios corpos e terem acesso ao poder, recursos e serviços destinados à saúde reprodutiva, para garantir tal direito.

Governos nacionais, agências internacionais e outras instituições devem levar a sério sua obrigação em prover estes pré-requisitos essenciais para o desenvolvimento e a liberdade das mulheres. Estes incluem:

1. Recursos como salários justos e equitativos, direito à terra, tecnologia apropriada, educação e acesso ao crédito.

2. O fim dos programas de ajuste estrutural, impostos pelo FMI, banco mundial e governos repressivos, que sacrificam a dignidade humana e as necessidades básicas em alimentação, saúde e educação, em função do pagamento da dívida, do "livre mercado" e de modelos de um desenvolvimento sustentável.

3. Participação integral nas decisões que afetam nossas vidas, nossas famílias, nossas comunidades e nosso meio ambiente e incorporação dos sistemas de conhecimento e especialização das mulheres para enriquecer essas decisões.

4. Assistência e educação para a saúde, acessível, culturalmente apropriada e abrangente para as mulheres de todas as idades e suas famílias.

5. Acesso à contracepção e ao aborto sem riscos e voluntários, enquanto parte de serviços mais amplos de atendimento à saúde reprodutiva que ofereçam também assistência pré e pós-natal, serviços de infertilidade e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, inclusive HIV e AIDS.

6. Serviços de apoio à família que incluam assistência às crianças, licença paternidade e maternidade e assistência aos idosos.

7. Serviços de saúde reprodutiva e programas que sensibilizem os homens, quanto a suas responsabilidades paternas e quanto à necessidade de acabar com as desigualdades de gênero e violência contra as mulheres e crianças.

8. Ratificação e implementação rápidas da convenção da ONU sobre a "alienação" de todas as formas de discriminação contra as mulheres", bem como de outras convenções da ONU sobre direitos humanos.

As pessoas que querem ver melhorias na relação entre população humana e o ambiente natural deveriam trabalhar para todo o elenco de direitos das mulheres; a desmilitarização global; a redistribuição dos recursos e das riquezas entre e dentro das nações; a redução das taxas de consumo de produtos e processos poluentes e dos recursos não-renováveis; a redução da dependência de produtos químicos na agricultura; e uma tecnologia responsável em termos de meio ambiente.

Estas pessoas deveriam apoiar as iniciativas locais, nacionais e internacionais para a democracia, justiça social e direitos humanos.

Adesões: Committes on Womem, Population and Environment
144 Ridge Ave.
Newton Centre, MA 02159
phone/fax (617)969 8444

[Reproduzido de: ECOS da Eco. **Presença da Mulher**, São Paulo, ano IV, n. 23, p. 39-40, set. 1992; sublinhado nosso]

Anexo 2

CALL FOR A NEW APPROACH

The Committee on Women, Population and the Environment is an alliance of women activists, community organizers, health practitioners, and scholars of diverse races, cultures, and countries of origin working for women's empowerment and reproductive freedom, and against poverty, inequality, racism, and environmental degradation. Issued in 1992, their statement, "Women, Population and the Environment: Call for a New Approach" continues to gather individual and organizational endorsements from around the world.

Call for a New Approach

We are troubled by recent statements and analyses that single out population size and growth as a primary cause of global environmental degradation.

We believe the major causes of global environmental degradation are:

- Economic systems that exploit and misuse nature and people in the drive for short-term and short-sighted gains and profits.
- The rapid urbanization and poverty resulting from migration from rural areas and from inadequate planning and resource allocation in towns and cities.
- The displacement of small farmers and indigenous peoples by agribusiness, timber, mining, and energy corporations, often with encouragement and assistance from international financial institutions, and with the complicity of national governments.
- The disproportionate consumption patterns of the affluent the world over. Currently, the industrialized nations, with 22 percent of the world's population, consume 70 percent of the world's resources. Within the United States, deepening economic inequalities mean that the poor are consuming less, and the rich more.
- Technologies designed to exploit but not to restore natural resources.
- Warmaking and arms production which divest resources from human needs, poison the natural environment and perpetuate the militarization of culture, encouraging violence against women.

Environmental degradation derives thus from complex, interrelated causes. Demographic variables can have an impact on the environment, but reducing population growth will not solve the above problems. In many countries, population growth rates have declined yet environmental conditions continue to deteriorate.

Moreover, blaming global environmental degradation on population growth helps to lay the groundwork for the reemergence and intensification of top-down, demographically driven population policies and programs which are deeply disrespectful of women, particularly women of color and their children.

In Southern countries, as well as in the United States and other Northern countries, family planning programs have often been the main vehicles for dissemination of modern contraceptive technologies. However, because so many of their activities have been oriented toward population control rather than women's reproductive health needs, they have too often involved sterilization abuse; denied women full information on contraceptive risks and side effects; neglected proper medical screening, follow-up care, and informed consent; and ignored the need for safe abortion and barrier and male methods of contraception. Population programs have frequently fostered a climate where coercion is permissible and racism acceptable.

Demographic data from around the globe affirm that improvements in women's social, economic, and health status and in general living standards, are often keys to declines in population growth rates. We call on the world to recognize women's basic right to control their own bodies and to have access to the power, resources, and reproductive health services to ensure that they can do so.

National governments, international agencies, and other social institutions must take seriously their obligation to provide the essential prerequisites for women's development and freedom. These include:

1. Resources such as fair and equitable wages, land rights, appropriate technology, education, and access to credit.
2. An end to structural adjustment programs, imposed by the IMF, the World Bank, and repressive governments, which sacrifice human dignity and basic needs for food, health, and education to debt repayment and 'free market', male-dominated models of unsustainable development.
3. Full participation in the decisions which affect our own lives, our families, our communities, and our environment, and incorporation of women's knowledge systems and expertise to enrich these decisions.
4. Affordable, culturally appropriate, and comprehensive health care and health education for women of all ages and their families.
5. Access to safe, voluntary contraception and abortion as part of broader reproductive health services which also provide pre- and post-natal care, infertility services, and prevention and treatment of sexually transmitted diseases including HIV and AIDS.
6. Family support services that include child-care, parental leave and elder care.

7. Reproductive health services and social programs that sensitize men to their parental responsibilities and to the need to stop gender inequalities and violence against women and children.

8. Speedy ratification and enforcement of the UN Convention on the Elimination of All Forms of Discrimination Against Women as well as other UN conventions on human rights.

People who want to see improvements in the relationship between the human population and natural environment should work for the full range of women's rights; global demilitarization; redistribution of resources and wealth between and within nations; reduction of consumption rates of polluting products and processes and of non-renewable resources; reduction of chemical dependency in agriculture; and environmentally responsible technology. They should support local, national, and international initiatives for democracy, social justice, and human rights.

[Reproduzido de: HARTMANN, Betsy. **Reproductive rights and wrongs**: the global politics of population control. Boston: South End Press, 1995. p. 311-313; sublinhado nosso]